NESTE NUMERO:

- ★ ISTO É CINERAMA
- ★ JEAN MARAIS: DE GALÃ A TRÁGICO
- ★ GINA LOLOBRIGIDA SENTE-SE FELIZ
- ★ BALLET: MARIA TALLCHIEF, A 1ª DOS EE. UU.
- ★ OS GRANDES VULTOS: PIERRE FRESNAY



Os seus pés devem ser um ponto de Admiração



Qualidade · Preço
Originalidade
são os 3 encantos
da INSINUANTE

Creação de Mister
JAMES para a Sapata-
ria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

É a maior e melhor
Sapataria da America
Latina, e é tambem
uma galeria á sua
disposição.



VIOLÊNCIA

PRÉ-ESTRÉIA

MARIA MADALENA

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

A CENA nº 19, de 12/5/1954

SUMÁRIO

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

Jean Marais, de galã a trágico 4
Os melhores de todos os tempos 6
Isto é Cinerama! 10
Quais os filmes que desejaria rever? 27
Tenho uma casa: Gina Lolobrigida 14

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «Maria Madalena» 3
De todo o Mundo 13
Os grandes vultos: Pierre Fresnay 16
Novela das imagens: «Os filhos do amor» .. 18
«Ballet»: «Maria Tallchieff» 22
Segredos da tela 24
Curiosidades e «Close-ups» 25
Cinema brasileiro 26
Cartazes em revista 28
Teatro 30
Rádio-Discos 32
Página do leitor 33

TERNURA



EM conjunto, é a mais agradável surprêsa que ofereceu o cinema argentino nos últimos tempos. Destaca-se o filme pela excelente unidade descritiva imposta pelo diretor Carlos Hugo Christensen, de ascendência sueca, e um dos de maior personalidade entre os que militam na cinematografia portenha. Sem dúvida alguma, nota-se uma libertação a certas fórmulas tão usuais na América do Sul. Prevalece um espírito agudo de síntese para as imagens mas, ao mesmo tempo, penetração interior e agilidade no desenvolvimento da história. E note-se que êste último setor não favorecia muito o bom resultado alcançado. Tudo porque, em suas raízes íntimas, há demasiada pretensão na novela original, de autoria de Pedro Vignale. O autor propôs-se a efetuar um certo paralelismo entre as situações da trama com grandes passagens da bíblia. Precisamente, os únicos pontos de restrições que o filme apresenta são êsses momentos de confronto. Sòmente o magnífico esfôrço do diretor Christensen poderia dominar o perigo dêsses contrastes. Louve-se, também, a habilidade do autor do roteiro em tornar o mais discreto possível o conctato cuja base, certamente, não foi inspirada para elevar artìsticamente as imagens e, sim, um amplexo com a massa. O tão louvável resultado obtido serve de eloqüente exemplo de como a união entre os mentores de uma película pode eliminar o mau gôsto de certos escritores ambiciosos demais. O resultado aí está: o melhor filme argentino apresentado nesses últimos anos no país.

Para fazer inteira justiça ao filme necessário se torna destacar um outro elo que muito contribuiu para o agrado do conjunto: Laura Hidalgo. Trata-se da presença não apenas da maior atriz argentina de todos os tempos mas de um dos vultos femininos de mais talento, na atualidade no mundo. Já na análise de «Orquídea» — nas «80 Pré-Estréias» do Festival de S. Paulo — ressaltamos o milagre que obteve de sobrepor-se a assunto de nível totalmente comercial. Agora, com a harmonia inteligente da orientação de Christensen, mais ainda se afirma a sua notória capacidade. Laura Hidalgo, ainda desconhecida para o público do Brasil se vai constituir como uma das grandes revelações do ano. A sobriedade é a linha mantida no restante do elenco. Depois da figura de Laura destacam-se Francisco Martinez, cuja discrição em papel cujo intuito foi simbolizar Cristo (!) deve ser elogiada, Ricardo Castro Rios e Homero Carpena. Cuidados técnicos-artísticos cada vez melhores no cinema argentino. Os exteriores foram rodados em nosso país, em pictóricas situações da Bahia. Entretanto, aproveitou-se apenas a natureza como elemento decorativo. Não foi procurada uma atmosfera regional que pudesse contribuir para a fôrça das situações. E, sem procurar concessões para motivos vulgares, o legítimo folclore da Bahia, caso aproveitado, sòmente poderia valorizar mais êste bom conjunto de cinema.

JONALD

AMOR



JEAN MARAIS

"Êle é belo, tem estilo, mas não nos comove". Nunca palavras tão justas — como essas de Georges Allary — foram ditas sôbre Jean Marais, o menino mimado do cinema e dc teatro franceses. A êsse ator do "perfil de um jovem deus" falta o dom de emocionar o público, mesmo o seu público mais fiel, não há essa comunhão imprescindível do intérprete com o espectador; uma fricza inexplicável impede-nos de nos sentirmos tocados pelo drama por êle vivido. O certo é que se Jean Marais se assemelhasse fìsicamente a Raimu, por exemplo, nunca teria conseguido ingressar no cinema, ou mesmo no teatro.

Nascido em Cherbourg em 1914, filho de um médico, Marais desde muito jovem resolveu ser ator. Para realizar suas aspirações, transferiu-se para Paris, onde ocupou, a princípio, o emprêgo de retocador de fotografias. Ao mesmo tempo candidatou-se a diversos papéis cinematográficos, não conseguindo sucesso em nenhum dos testes que fêz. Também fracassou num exame para o Conservatório. em desanimar, entrou como figurante na companhia teatral do célebre Charles Dullin, e assim conheceu Jean Cocteau que pouco depois confiava-lhe papéis importantes em "Les chevaliers de la table



DE GALÃ A TRÁGICO

De *L. BOLTSHALSER*, exclusivo para *A CENA*

A bela estampa de Jean Marais foi transformada no monstro, para o filme «A bela e a fera». Acima, ao natural e, em baixo, caracterizado para um dos seus mais recentes dramas.



Jean Marais e Danielle Darrieux numa cena do épico «Ruy Blas».

ronde" e "Les parents terribles", grandes sucessos teatrais em Paris. A segunda peça, sobretudo, onde Marais interpretava um papel talhado para suas medidas, valeu-lhe um grande êxito.

Pouco depois arrebentava a guerra e o jovem ator foi mobilizado. Após o armistício, em 1940, Marais tenta em vão levar à cena "Britannicus" numa nova versão, por êle preparada durante a guerra. Nada consegue e, no ano seguinte, estréia no cinema, com um importante papel em "Le pavillon brûle". Depois, veio seu primeiro grande sucesso em "Le lit à colonnes", e, logo após, "Carmen" rodado na Itália. Quando Jean Marais volta à França, sua criação de d. José havia feito dêle uma celebridade.

Foi então que Jean Cocteau convidou-o para "estrelar" "Além da vida" que firmou ainda mais a reputação do jovem ator. Novamente sob as ordens de Christian Jacque, foi o galã de "Viagem sem esperança".

Na Libertação fêz parte da Segunda Divisão Blindada, combatendo na Alsácia, o que lhe valeu a Cruz de Guerra em Strasbourg. Uma vez terminado o conflito, Jean Marais voltou a vida civil e as suas atividades artisticas; já agora é o mais popular "astro" francês.

Jean Cocteau confia-lhe então o triplo papel de "A Bela e a Fera", que continua sendo ainda hoje, sua maior criação para o cinema. Aí, em certos momentos, Marais consegue, pela primeira vez, destruir essa barreira que geralmente o separa de nós, emocionando-nos com a Fera, tão bondosa e tão terrível.

Outros triunfos do ator são, "Entre o amor e o trono", e "A água de duas cabeças". Desempenhou o mesmo papel que tinha no palco na versão cinematográfica de "Les parents terribles", mas então já lhe faltava o frescor da juventude que êle exibia quando, dez anos antes fazia na ribalta o rapaz mimado pela mãe ciumenta.

Com Jean Dellannoy, Jean Marais filmou "Encontro com o destino" e "Le secret de Mayerling", inédito no Brasil. Em "Orfeu" teve um bom desempenho, atuando também com justeza — segundo a crítica européia — em "Le chateau de verre" e "Les miracles n'ont lieu qu'une fois".

O passatempo predileto é o desenho. Tem muito gôsto e talento para a pintura, sendo que os cenários e figurinos de suas criações teatrais são sempre de sua autoria.

Jean Marais, que evoluiu, de galã para trágico, incluiu recentemente entre seus desempenhos na ribalta, o papel centro de "La machine infernale" — a tragédia de Édipo vista à moda de Cocteau.

Seu valor como ator pode ser contestado, mas a importância capital dos filmes em que atuou fazem dêsse homem — "belo como o sol" — uma das mais representativas personalidades do moderno cine francês.



Jean Marais em «Além da Vida»



«Kermesse Heróica», de Jacques Feyder (França), o segundo filme do ano, entre os exibidores de 937

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA **«A CENA»**

(Continuação dos números anteriores)

"A CENA" agradece a preciosa colaboração de Ademar Gonzaga que, a partir do presente número (páginas 6 e 7), teve a gentileza de colocar o seu precioso arquivo, considerado por muitos como o mais completo do mundo, à disposição dêste retrospecto histórico, que tanto interêsse vem despertando entre os leitores.

1 9 3 8

Balanceando os 60 melhores do ano, a resenha acusa 38 estréias oriundas dos Estados Unidos. Dos restantes 22 a França, pela primeira vez, no cinema falado, assumiu a liderança, com o total de 10 filmes; A Grã Bretanha, em segundo, com 6; A Alemanha com 4 e a Itália com 2.

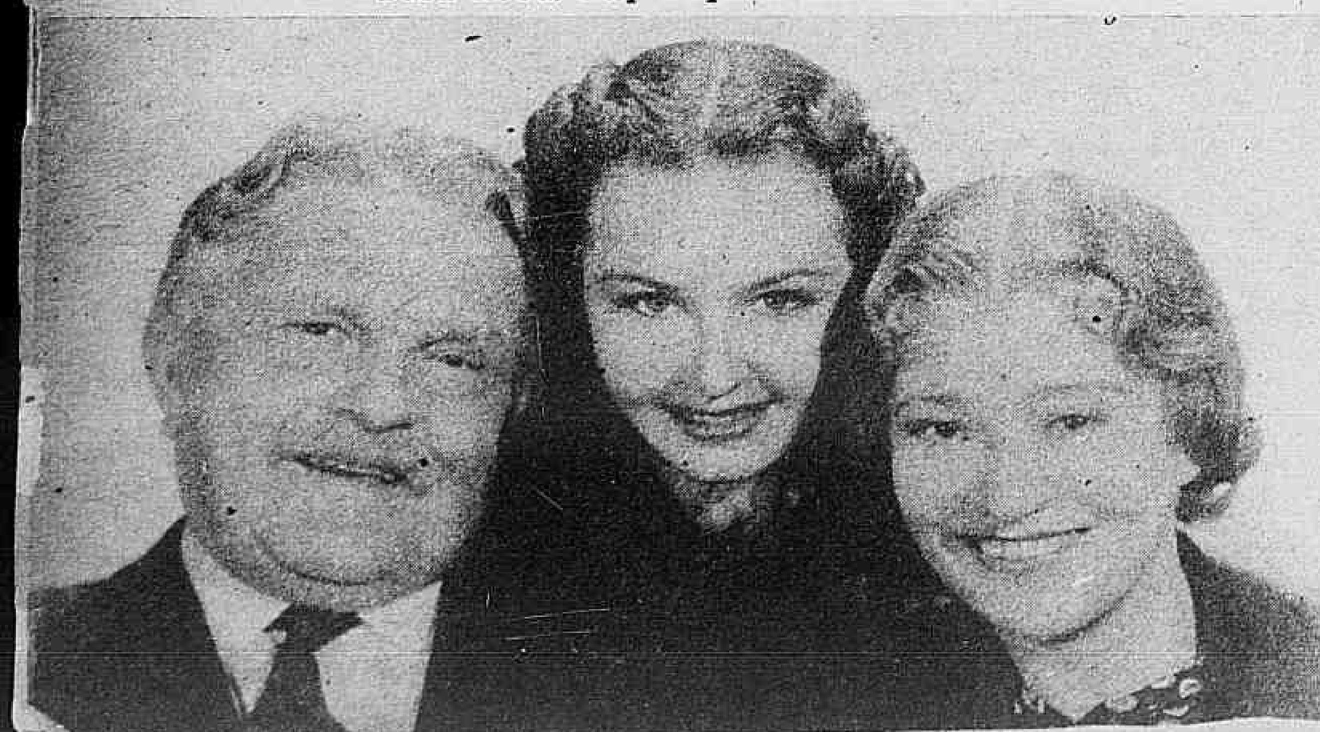
No tocante à qualidade, sem dúvida alguma, o ano de 1938 não foi tão pródigo quanto o anterior. É fato que, entre os 10 melhores do ano, não havia qualquer decréscimo de mérito artístico. Entretanto, entre os que se seguiram, embora com diversas produções de alto relêvo, foram, contudo, em número menor do que o de 1937, o autêntico "climax" do primeiro decênio entre os "talkies".

1.º — "UM CARNET DE BAILE" ("Carnet du Ball", França). A obra prima de Julien Duvivier. A história, envôlta no choque de intensa poesia com a amargura da realidade. Uma criatura decide recordar o passado e procura na maturidade os antigos amôres. Reavivando o encanto de outrora surgem, também, a nostalgia e a desilusão. Marie Dea, em inesquecível atuação, era o ponto de contacto das revivescências. Harry Baur, Louis Jouvet, Pierre Blamchar, Raimu e outros viveram as personagens.

2.º — "RAINHA VITÓRIA" ("Victory, the Great", Inglaterra). Entre os filmes de maior dignidade histórica que surgiram no cinema. Todos os fatôres ligados à direção de Herbert Wilcox eram plenos de sinceridade, emoção e excepcional arte. Anna Neagle, Adolph Wolbrueck, H. B. Warner, Felix Aylmer foram grandes atores.



Em cima: «Jezzebell», de William Wyler (Metro), com Henry Fonda e Bette Davis. Em baixo: «A cruz dos anos», de Leo Mac Carey (Paramount), com Victor Moore, Barbara Reed, Fay Baynter e Beulah Bondi.



«Pigmalion», de Anthony Asquith, com Leslie Howard e Wendy Hiller.



3.º — "EMILE ZOLA" ("The Life of Emile Zola", Warners). O "ciclo" da evocação de grandes figuras da história, que teve início nesta áurea fase do cinema, não prosseguiu, até à época atual, conforme seria de desejar. Foi outro grande filme da seqüência que William Dieterle orientou. Paul Muni em outra magistral "performance", ao lado de Gloria Holden, Joseph Sckdralt e Gale Sondegaard;

4.º — "SÓ PARA MULHERES" (França). Jacques Deval dirigindo a própria peça, em filme com inteligência sutil tìpicamente parisiense. Do grande elenco feminino, sobressaiu a figura de Else Argal, em um dos mais belos desempenhos do ano. E foi mais uma dessas maravilhosas atrizes que desapareceu no firmamento do cinema, tal como um "bólide".

5.º — "A OITAVA ESPÔSA DE BARBA AZUL" (Blueberd's Eight Wife", Paramount). Ernest Lubitsch em uma das caracterìsticamente excepcionais direções. A peça de Alfred Savoir foi desdobrada em encantadora comédia. Gary Cooper, no rústico milionário e Claudette Colbert, na oitava das suas espôsas lograram o máximo dos papéis.

6.º — "AS PÉROLAS DA COROA" ("Les perles de la Courounne", França). A côrte de Henrique VIII focalizando, em particular, a figura da Catarina de Medicis. Um grande elenco, como poucas vêzes foi reunido na França e a finura da direção de Sascha Guitry. Jean Louis Barroult, em um dos seus primeiros trabalhos na tela, viveu Napoleão I; o grande trágico Zacconi, Renée Saint Cyr, o próprio Guitry, Jacqueline Delubac, Aimée Simon Gerard foram figuras salientes.

7.º — "A GRANDE ILUSÃO" ("La grand illusion", França). Líbelo contra a guerra, através da extraordinária direção de Jean Renoir. Re-apresentado há pouco, na Retrospectiva do Cinema Internacional, em São Paulo, provou que a sua mensagem continua fluente. Eric Von Strohein, em um dos papéis que o notabilizaram.

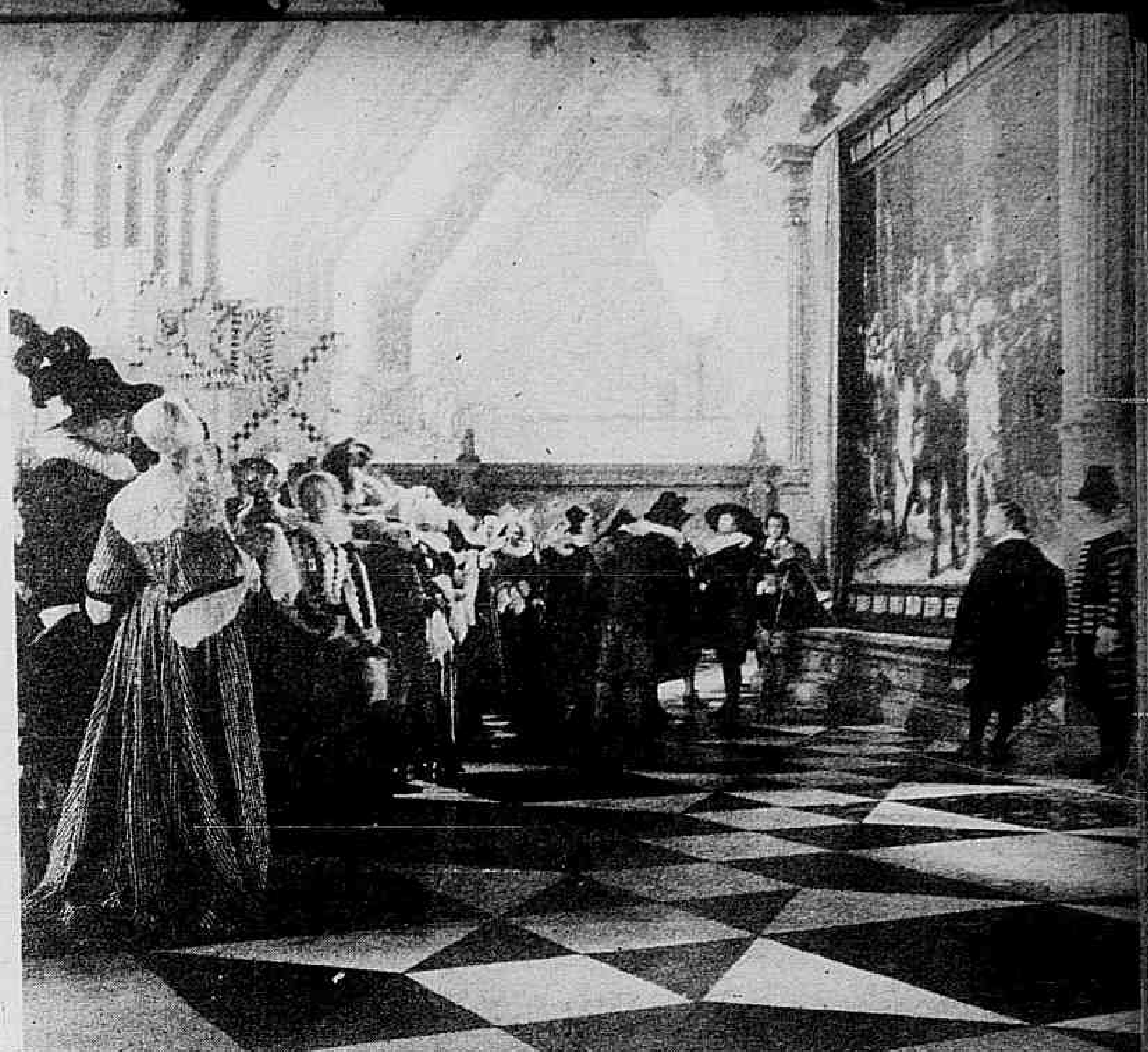
8.º — "PEPE LE MOKO" ou "O DEMÔNIO DA ALGÉRIA" (Pepe Le Moko, França). Julien Duvivier em uma das suas mais eloquentes obras de direção. A estranha atmosfera que obteve de um sórdido pôrto da Algéria jamais foi repetida, com tanto realismo. O assunto foi refilmado nos Estados Unidos (Charles Boyer e Hedy Lamarr, em obra frustada). Jean Gabin conseguiu belo desempenho no papel central.

9.º — "ANJO" ("Angel", Paramount). Um triângulo amoroso com a malícia exigida para os "toques" tão pessoais do saudoso diretor Ernest Lubitsch. Marlene Dietrich, Melvyn Douglas e Herbert Marshall integraram-se nas personagens.

10.º — "MADAME WALESKA" (Conquest", Metro). Embora não fôsse uma obra histórica rigorosa, a impecável forma cinematográfica de Clarence Brown e o genial desempenho de Greta Garbo tornaram excelente o resultado. Charles Boyer em seu melhor desempenho no cinema.

Prosseguindo na seleção de valores dignos de figurar nesta resenha encontramos:

"JEZZEBEL" ("Jezzebel", Warners). Uma afirmação do crescendo artístico de William Wyler. Bette Davis, admirável, ao lado de Henry Fonda e Margaret Lindsay; "SCIPIÃO, O AFRICANO" (Itália). Filme de grande valor no domínio do épico. Direção de Carmine Gallone, com Annibale Ninchi, Camillo Pilloto, etc; "A MARAVILHOSA MENTIRA DE NINA PETROWINA" (França, de V.



«Rembrand», de Sir Alexander Korda (Grã Bretanha), com Charles Laugtaon e Elsa Lanchester.



«A grande ilusão», de Jean Renoir (França), com um notável trio: Erich Von Stroheim, Jean Gabin e Pierre Fresnay.

«A oitava espôsa de Barba Azul», de Lubitsch (Paramount) com Gary Cooper e Claudette Colbert.



«O lírio partido», de Hans Brahme (Grã Bretanha), com Emylin Williams e Dolly Hass.





«Vitória amarga» (Warner), de Edmund Goulding, com Bette Davis e George Brent, o segundo filme de 1939.



«A cidadela» (Metro), de King Vidor, com Robert Donnat, um dos belos filmes de 1939

«Adeus Mrs. Chips» (Metro), de Sam Wood, com Robert Donnat



FOTOS DAS PAGINAS 8 E 9 DO ARQUIVO DE JONALD

Tourjaninsky). Refilmagem do mesmo assunto que serviu para outro grande filme, o de Brigitte Helm, em 1929; "FORTALEZA DO SILÊNCIO" (França, de Marcel L'Herbier). De sentido patriótico, tendo por ambiente a Polônia de outrora. Pierre Renoir e Annabella os principais; "NO TEATRO DA VIDA" (RKO, de Gregory La Cava). A trajetória dos que procuram ingressar na arte da ribalta. Belo desempenho de Katharine Hepburn e grande elenco: Ginger Rogers, Adolphe Menjou, Andre Leeds, Lucille Ball, Ann Miller e Gail Patrick; "TRÊS CAMARADAS" (Metro, de Frank Borzage). Um filme de guerra diferente, com Margaret Sullavan e Franchot Tone; "TARAKANOVA" (França, de Fedor Ozepp). Pierre Richard Willm, Anne Vernay e Susan Prince; "OS MISERÁVEIS" (20th.C.Fox, de Boleslawsky). Embora inferior à versão francesa, ainda foi um magnífico filme. Perfeitos os desempenhos de Charles Laughton, Fredric March, Sir Cedric Hardwicke e Frances Drake; "SERENATA" (Alemanha, de Willy Forst). Poesia e drama em alta classe. Hilde Krahl e Albert Mattertock; "VENENO" (França, de Marc Allegret). Adaptação de "Le Venin", de Henry Bernstein, com Michele Morgan e Charles Boyer em um forte drama de paixão e ciúme; "NOBRES SEM FORTUNA" (Warners, de Anatole Litwak). Transposição de famosa peça de Jacques Deval, com dois grandes cenaristas — Robert Sherwood e Casey Robinson — e desempenhos principais de Claudette Colbert e Charles Boyer; "AVENTURAS DE TOM SAWYER" (United, de Norman Taurog). Um delicioso filme infantil, com Tommy Kelly no protagonista do célebre livro; "NADA É SAGRADO" (United, de William Wellmann), com um notável trio: Fredric March, Jeannet Gaynor e Carole Lombard; "CASAMENTO PROIBIDO" (Paramount, de Fritz Lang). Sylvia Sidney, George Rath e Vera Gordon os mais destacados; "MARIA ANTONIETA" (Metro), com Norma Shearer e Tyronne Power. Embora discutível como filme histórico, sempre contou com muito eficiente direção; "UMA NAÇÃO EM MARCHA" (Paramount, de Frank Lloyd), com Frances Dee e Joel Mac Crea; "FURACÃO" (United, de John Ford). O grande diretor superou tudo, inclusive conseguiu elevar atores fracos como Jon Hall e Dorothy Lamour; "CUPIDO É MOLEQUE TEIMOSO" (da Colúmbia, de Leo Mac Carey). Apesar do frágil título em nosso idioma, a deliciosa peça "The Awful Truth" foi desdobrada em esplêndida comédia. Cary Grant, Irene Dunne e Ralph Bellamy os principais; "CINZAS DO PASSADO" (da Warners, de Edmundo Goulding). Um notável desempenho de Bette Davis, novamente ao lado de Henry Fonda; "AVENTURAS DE ROBIN HOOD" (Warners, de Michael Curtiz). Algo de bem destacável, no campo do filme heróico: Errol Flynn, Basil Rathbone e Olivia de Haviland; "PRISIONEIRO DE ZENDA" (United, de John Cronwell). A primeira versão foi americana, com James Hackett, em 1916. A segunda foi inglêsa, pouco após, com Henru Ainsley no protagonista e chamava-se "Rupert de Hentzau"; A terceira, novamente americana, com Bert Lytell, Lew Cody Elaine Hammerstein e Adolph Menjou; A quarta, na Metro, em 1922, com Ramon Novarro, Alice Terry, Stuart Holmes e Bárbara La Marr. Esta, de 1938, foi a quinta transposição, com Ronald Colman, Madeleine Carroll e Sir C. Aubrey Smith. A última, a exibida no Festival M.G.M. é simplesmente a sexta versão!

1 9 3 9

Entre os 60 melhores do ano, 32 foram originários dos Estados Unidos e 28 importados de outros países. Nessa época, correspondente a pre-segunda guerra mundial, a França assumiu uma franca ascendência artística, a maior da sua história. Basta dizer que classificou 17 dos 27 filmes de procedência européia, a grande maioria das suas películas que entraram no Brasil em 1939. E apresentou também o melhor celulóide do ano.

1.º — "CAIS DAS SOMBRAS" ("Quai des brumes", França). A nostálgica poesia do íntimo do diretor Marcel Carné, na sua maior expressão. A amargura do conteúdo foi dominada por excepcional forma. Jean Gabin e Michelle Morgan em inesquecíveis atuações.

2.º — "ADEUS, MR. CHIPS" ("Good Bye, Mr. Chips", Metro). Sam Wood, com a planificação estética de Wil-

liam Cameron Menzies, em plena fase áurea da sua carreira. Um poema de delicada ternura. Robert Donnat, em grande criação e Greer Garson. Entre os filmes que dignificam o cinema e cuja re-apresentação se impunha.

3.º — "VITÓRIA AMARGA" ("Dark Victory", Warners). Outra excepcional realização, de responsabilidade de Edmund Goulding. A história, muito humana, de um médico (George Brent) cuja eleita (Bette Davis), em admirável criação) é cítima do câncer. Foi reapresentado há poucos anos.

4.º — "A BÉSTA HUMANA" ("La Bête Humaine", França). A obra de Emile Zola transposta com profundo realismo, através de intensa direção de Jean Renoir). Jean Gabin, no alucinado protagonista, e Simone Simon em um dos seus inolvidáveis trabalhos.

5.º — "A CIDADELA" ("The Citadel", Metro). O livro de Cronin revertido em um dos mais humanos filmes do diretor King Vidor, aliás, na última das suas grandes realizações. Robert Donnat e Rosalind Russel em belos desempenhos.

6.º — "O MORRO DOS VENTOS UIVANTES" ("Wuthering Heights", United). Em uma das maravilhosas direções, William Wyler prodigalizou ao trágico romance um emocionante tratamento. Laurence Olivier, perfeito, como sempre, ao lado de Merle Oberon e David Niven.

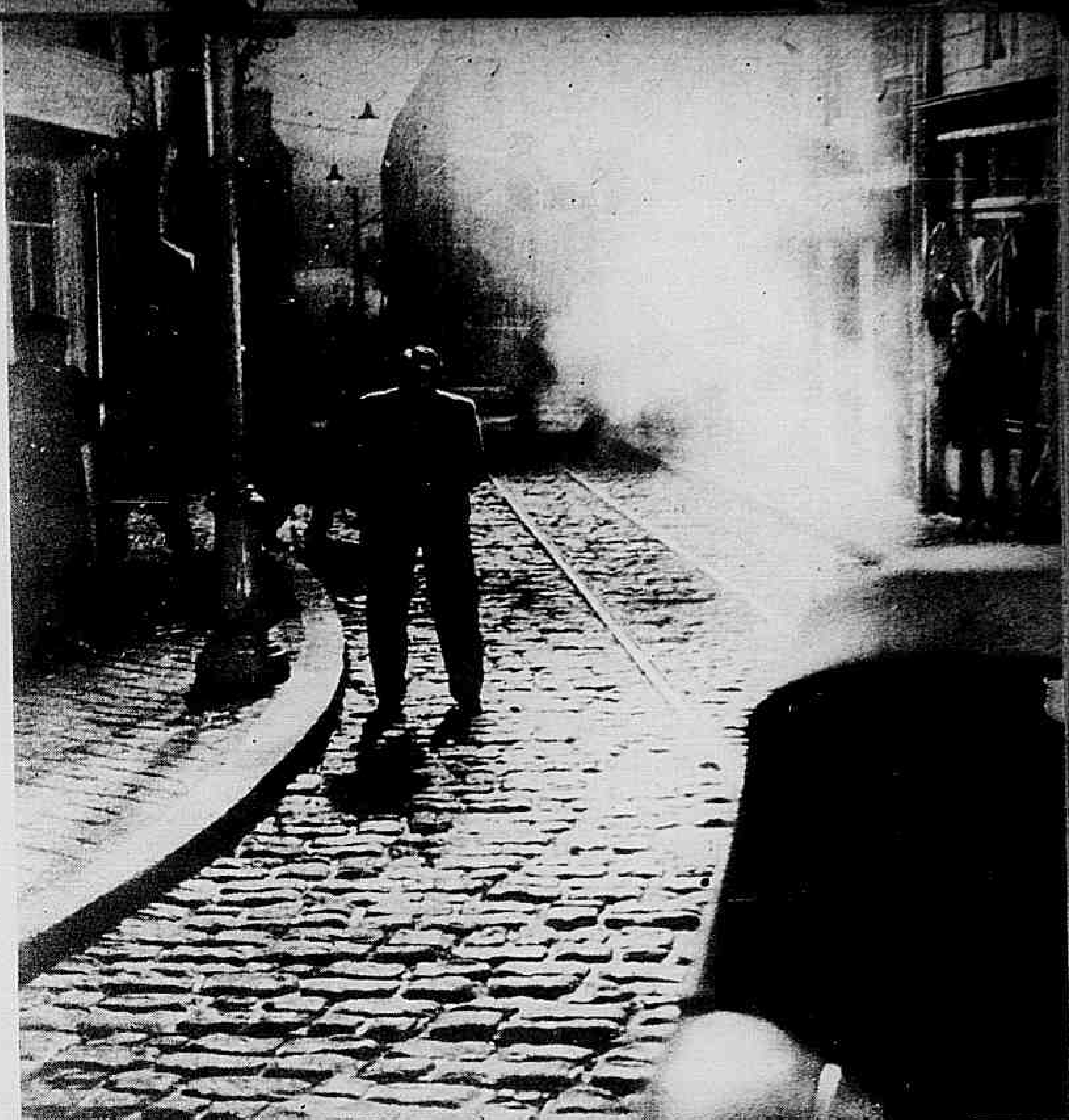
7.º — "PYGMALION" ("Pygmalion", Inglaterra). A recente volta dêste magnífico filme britânico, inspirado na peça de Bernard Shaw, comprovou que continúa sendo um delicioso espetáculo. Leslie Howard, em uma das suas máximas criações e Wendy Hiller no único trabalho de vulto da carreira.

8.º — "JUAREZ" ("Juarez", Warners). Outra evocação biográfica de vulto na trajetória de William Dieterle, retratando um dos heróis do México. Paul Muni em uma composição que nada lembrava as anteriores, ac lado de Bette Davis e Brian Aherne.

9.º — "DO MUNDO NADA SE LEVA" ("You can't Take it With you", Colúmbia). Uma das maiores comédias filosóficas da carreira de Frank Cappra. James Stewart, Jean Arthur e Edward Arnold proporcionaram um humorismo diferente.

10.º — "BECO SEM SAÍDA" ("Dead End", United). O impressionante filme de William Wyler que foi um dos pioneiros em trazer à tela uma mensagem aos menores abandonados. Sylvia Sidney, Humprey Bogart e Joel Mac Crea, além de "Os anjos de cara suja", cumpriram eficientes desempenhos.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



A belíssima seqüência final de «Cais das sombras» (França), o maior filme de 1939, com Jean Gabin e Michèlle Morgan.

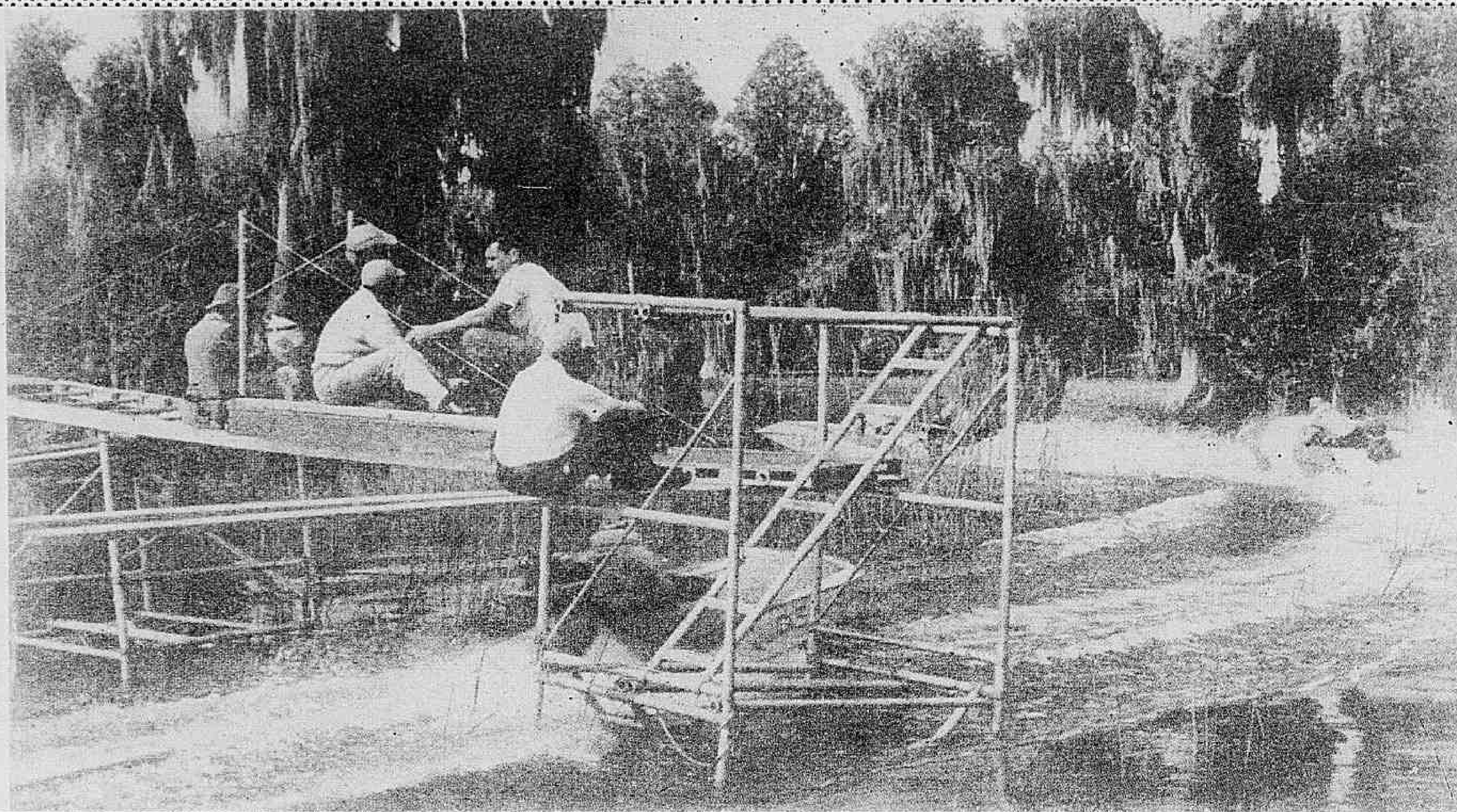
«A bêsta humana» (França), de Jean Renoir, com Jean Gabin e Simone Simon.



«O morro dos ventos uivantes» (United), de William Wyler, com Laurence Olivier e Merle Oberon.



ISTO É CINERAMA!



Flagrande da filmagem de «This is Cinerama», primeiro filme de longa metragem que emprega êste processo. O andaime que vemos na foto foi construido especialmente para a filmagem de uma corrida de lancha.

UMA COMPLETA DESCRIÇÃO DO REVOLUCIO NÁRIO INVENTO — PARTICULARIDADES DO CINEMASCOPE

DE CLÁUDIO FORNARI, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

O Cinerama, como todos os modernos processos cinematográficos tem sua fonte de inspiração nos sábios e pesquisadores dos séculos XVIII e IX. É uma das mais importantes realizações dos Estados Unidos neste terreno. Não sendo um sistema caracteristicamente estereoscópico, o Cinerama obtém alguns efeitos de relêvo não a custa de óculos especiais, mas graças a uma grande tela de 15,54m x 7,92m, em semicírculo, com um ângulo de 146 gráus e uma profundidade de 55 gráus, medidas estas (em gráus) que muito se aproxima do alcance da vista humana, que é, no máximo, de 165 por 60 graus aproximadamente. Como não existe nenhuma lente capaz de cobrir tal superfície sem causar distorção da imagem, a projeção é feita com o auxílio de três projetores colocados na sala distantes 6 metros uns dos outros. No Cinemascope o problema foi resolvido com as chamadas lentes anamórficas, conforme já vimos em capítulo anterior, as quais comprimem a imagem para depois libertá-la na tela. Por fim, a tela do Cinerama, a fim de evitar reflexos das projeções laterais sôbre a superfície curva, é formada por 1.100 tiras de aço perpendiculares ao chão, a semelhança de uma enorme persiana deitada.

Explicada a tela do Cinerama, vejamos em breves linhas mais alguns aspectos da filmagem, da projeção e do som.

A tomada das cenas pelo processo de Fred Waller se faz com uma câmara especial dotada de três chassis de 300 metros com película comum de 35 mm. Três filmagens são feitas, pois, simultâneamente graças a um sistema de três objetivas de 27 mm dispostas em um ângulo de 48 graus. A velocidade da máquina é de 26 quadros por segundo (em vez de 24), e êstes quadros são maiores em altura mais duas perfurações que os das máquinas convencionais.

A projeção é feita, como já explicamos, com três projetores, que cobrem, cada um, um têrço da tela (o da esquerda abrange o têrço direito; o da direita o esquerdo; e o do centro, o têrço central). A emenda dos três filmes na tela é disfarçada graças a uma lâmina metálica dentada, como um pente, que, vibrando ràpidamente junto ao bordo lateral da objetiva, dilui a linha de junção na tela. O projetor de Cinerama emprega bobinas de 7.500 pés, pois a operação de "partida" das três máquinas, que tem que ser absolutamente sincrônica, é um tanto complicada para ser efetuada oito ou dez vêzes em cada sessão.

O som do Cinerama foi realmente a grande "bomba" que o processo de Waller trouxe ao cinema moderno. Chama-se "stereophonic sound" e foi inventado (diríamos melhor, aperfeiçoado) por Hazzard Reeves, e se resume na distribuição de 6 ou 8 altofalantes pela sala, atrás da tela e atrás do público, de modo que o som da voz dos artistas e mesmo os ruídos "off" saem por alto-falantes



Marylin Monroe, «estrêla» da Fox e o presidente da companhia com as lentes empregadas no processo «Cinemascope». Tudo relativamente simples, aliás.

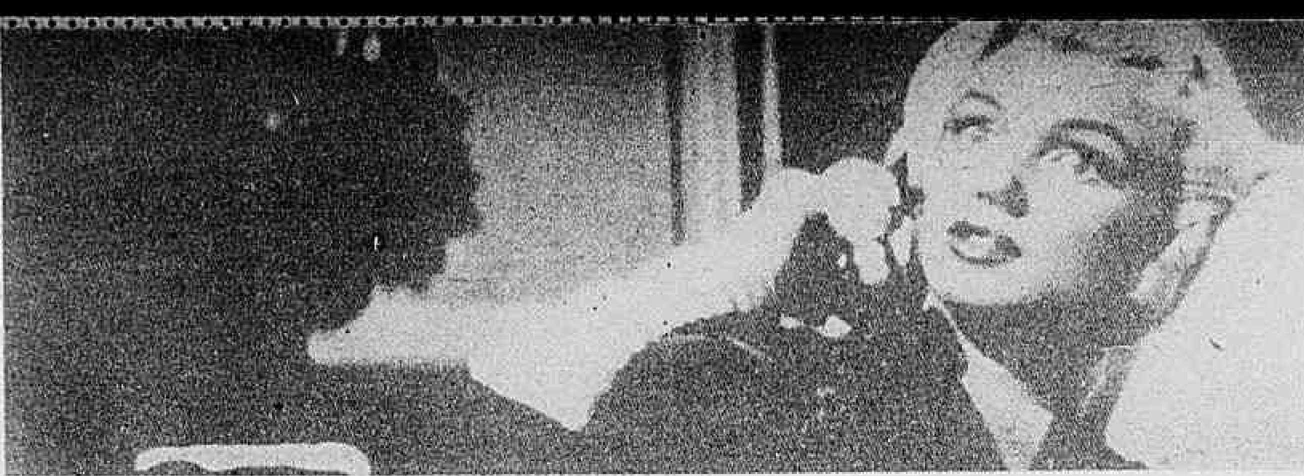
situados no lugar onde se acha (ou onde se deve achar) o dono da voz ou a fonte dos ruídos.

O inventor do Cinerama é um americano alto, simpático, de meia idade, que há mais de 12 anos vem pesquisando neste terreno. Chama-se Fred Waller e era até bem pouco tempo o chefe do departamento de trucagem da Paramount Pictures. Em 1939, depois de ter realizado para á Kodak, no recinto da Feira Mundial de Nova York, uma projeção dentro de uma esfera (que resultou em um magnífico efeito tridimensional). Waller atira-se de corpo e alma na busca da 3D, construindo, durante a última guerra, para o Exército americano, um equipamento para treinar artilheiros aéreos baseado no mesmo princípio.

O primeiro Cinerama de Waller, puramente experimental, empregava 11 máquinas; o segundo 5 e o atual se arranja muito bem com apenas 3 (o que já basta para complicar a industrialização do invento). Em uma cancha abandonada de tênis em Long Island Fred Waller trabalha ativamente, agora com o auxílio técnico de Reeves e o apoio do jornalista, locutor, explorador, cineasta, radialista e "globe-trotter" Lowell Thomas. Concluído o invento, é filmado um documentário de viagens chamado "This is Cinerama", o qual é projetado com invulgar sucesso no Cinerama Brodway de Nova York.

O Cinerama, assim como o C. Scope, não é, como já dissemos anteriormente, um processo estereoscópico. Êle proporciona aos espectadores — e nós tivemos a oportunidade de constatar isto pessoalmente — uma sensação de grande "naturalidade". Por exemplo, quando a câmara está localizada dentro do carrinho de uma montanha russa, (a primeira seqüência do documentário) nós espectadores também estamos dentro do carrinho; quando na filmagem de uma ária de "Aida", no Scala de Milão, nós estamos no teatro e não no cinema, pois os personagens, se não dão ponta-pés no nosso nariz como nos "Au-





Se a projeção da película fôsse realizada com lente comum, a imagem obtida na tela seria como a que se vê à esquerda. Empregando-se lentes anamórficas, semelhante a da direita, Assim, temos Marylin comprimida ou não...

disocópics", da Metro, estão, por outro lado, reais, e tranqüilos e tridimensionalmente vivos no palco à nossa frente; quando a câmara está colocada no nariz plástico de um bombardeiro B-25 voando sôbre as regiões mais pitorescas dos Estados Unidos, nós estamos dentro do avião, gozando a paisagem e sentindo frios na espinha quando o avião tira "finos" do cocoruto das montanhas.

Em resumo, o espetáculo cinematográfico (ou cineramatográfico?) nestas condições significa muito pouco como 3.ª Dimensão (no conceito estereoscópico do relêvo) é prodigioso como espetáculo e, por fim, falho sob o ponto de vista industrial. Parece que é mesmo o CinemaScope (chamado pelos americanos de "Cinerama de Pobre") quem vai ganhar a corrida.
O francês Chrétien: pobre quanto relêvo, grande como espetáculo. O russo Ivanov: grande quanto ao relêvo, pobre como espetáculo.

A primeira providência dos norte-americanos (que já haviam abreviado a expressão "Terceira Dimensão" ao símbolo 3-D) em relação ao Cinemascope, foi reduzir o seu comprido nome de onze letras para a abreviatura "C. Scope".

Cinemascope é o novo nome do processo francês "Hipergonar", inventado há cêrca de 25 anos por Henri Chrétien, velho professor de ciência ótica da Sorbonne, em Paris. Seu funcionamento baseia-se no chamado "fenômeno das anamorfoses", ou seja no emprêgo de um sistema ótico formado por lentes cilíndricas, o qual "comprime" a imagem filmada, imagem esta que é posteriormente "libertada" na projeção graças a um outro sistema ótico, que, adaptado ao projetor, realiza um trabalho inverso ao das lentes de filmagem. Êste mecanismo de "comprimir" e "libertar" a imagem, permite encaixar-se nos limites de um fotograma de película comum de 35 mm, sem distorção no "resultado" cinematográfico, um grande campo. A projeção é efetuada em uma grande tela curva de 20 metros de comprimento por 7 de altura, o que significa uma proporção igual a 2,66 para 1 (as telas convencionais obedecem a escala 1.33 x 1).

A possibilidade de se filmar e de se projetar com os aparelhos comuns de tomada e projeção, bem como o emprêgo de filmes comuns — prêto e branco ou coloridos — de 35 mm, fazem do Cinemascope o processo mais credenciado para vencer a atual corrida da Terceira Demência. As lentes anamórficas não são exageradamente caras e a equipagem das salas de projeção custa nos Estados Unidos de 8 a 10 mil dólares, o que não é demasiado dispendioso se considerarmos que a tela do Cinerama é formada por 1.100 tiras verticais de metal e a do processo Ivanov é uma complicadíssimas teia de fios de cobre estendidos e pesa cêrca de 18 toneladas.

Henri Chrétien, que por um quarto de século tentara inùtilmente industrializar o seu invento. Em 1936 fêz um acôrdo com a Paramount mas esta deixou o Hipergonar dormindo em uma gaveta de seu almoxarifado até meados do corrente ano. Finalmente, em 1952, por ocasião de uma projeção experimental do processo em um cinema de Nice, o dinâmico e corpulento greco-americano Spyros Panagirotis Skouras, presidente da "20 th Century Fox", que na manhã seguinte adquire os direitos exclusivos das lentes anamórficas para todo o mundo. A providência foi verdadeiramente (seja a repetição) providencial, pois naquele momento já se achava a caminho da França um emissário especial da "Warner Brothers" com a finalidade de adquirir o Hipergonar.

Sem demora as lentes do velho sábio embarcam para a América, ganham o sonoro nome de Cinemascope e, poucos meses depois, passam a funcionar na filmagem do "Manto Sagrado" (The Robe), baseado do "best-seller" bíblico do mesmo nome da autoria do reverendo Lloyd C. Douglas. "The Robe", seguramente a fita mais cara feita até hoje (5.000.000 de dólares). Vem batendo, através dos Estados Unidos, sucessivos recordes de bilheteria. Nas quatro primeiras semanas de exibição no Teatro Roxy de Nova Iorque, onde foi realizada sua primeira mundial, o "Manto Sagrado" proporcionou uma renda bruta de US$1.032.590,60. Dia a dia novas emprêsas produtoras aderem ao processo de Chrétien.

«O Manto Sagrado», primeiro filme de longa metragem a empregar o processo do professor Chrétien.



DE TODO O MUNDO

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para «A CENA»

POLÔNIA

Wanda Jakubowska, a famosa cineasta de «A última etapa» e «O soldado da vitória», dirigirá uma nova produção de longa metragem que será filmada em côres. Trata-se da história de um jovem camponês, Szymon Bielas. O cenário é da autoria do romancista Scibor-Rylski.

Também Aleksander Ford («A verdade não tem fronteiras», «A juventude de Chopin»), escolheu um tema ligado à vida rural para seu próximo filme. O cenário é da escritora Maria Jarochowska. A filmagem será igualmente feita em côres.

HOLLYWOOD

Tal foi o sucesso de «A princesa e o plebeu» (Roman holiday) que a mesma equipe dêsse filme delicioso já prepara «Férias parisienses». Gregory Peck e Audrey Hepburn estarão assim novamente reunidos, sob a direção de William Wyler.

Não será nem Montgomery Clift, nem Dirk Bogarde, nem John Derek, quem tomará o lugar de Marlon Brando em «O egípcio». O papel foi conquistado por um novato, Edmund Purdon, que vem fazendo carreira substituindo alguns famosos «astros» de Hollywood. Em «O príncipe estudante» o jovem ator cantará com a voz de Mario Lanza, e agora em «O egípcio» ficará no pôsto vago que Brando deixou, ao fugir de Hollywood, assustado com o papel que lhe entregaram.

Chegou a Hollywood Loraine Chanel, a modêlo que foi par constante de Gary Cooper durante tôda a estada do ator no México. E já se fala que ela vem munida de tôdas as cartas de apresentação necessárias para fazer uma bela carreira nos estúdios californianos...

FRANÇA

Yves Ciampi acaba de realizar para Pathé-Consortium «Le guérisseur» (O curandeiro). O filme, que tem por «astro» principal Jean Marais, aborda um tema de grande atualidade, tal seja o da oposição que fazem os médicos reconhecidos pela Faculdade aos que se dizem livres, comumente chamados curandeiros. O realizador, que já foi médico antes de se tornar cineasta, consegue, sem tirar conclusões, criar um belo drama humano, mantendo sua posição imparcial.

Viviane Romance e seu marido Jean Josipovici conseguem formar uma dupla de sucesso também no plano profissional. Êle escreve cenários, ela os interpreta, e, juntos, dirigem sua emprêsa produtora. Entretanto, agora preparam-se para cometer infidelidades — profissionais: Jean Josipovici projeta realizar um filme que seria «estrelado» por Anna Magnani, enquanto Viviane pensa em aparecer em outros filmes que não os escritos pelo espôso.

Durante as filmagens de «Return to Paradise», Gary Cooper tornou-se um entunsiasta dos esportes sub-aquáticos.





Não se trata de fita. John Ericson, logo após seu casamento com Milly Coury, no carro nupcial. Êle foi a paixão de Pier Angeli em «Teresa».

O cinema francês começa a fazer uso das novas técnicas cinematográficas: Na França já foi realizado um filme em 3-D, e agora a febre do Cinemascope toma de assalto os cineastas franceses. Henri-Georges Clouzot e Christian-Jaque anunciam seus propósitos de realizarem pròximamente filmes em Cinemascope, enquanto Marcel Ichac já deu os últimos retoques a sua obra realizada neste processo. E Richard Pottier acaba de exibir para a crítica o seu «Les revoltés de Lomanach» (os revoltosos de Lomanach) concebido para tela panorâmica e som estereofônico.

ITÁLIA

Prossegue a filmagem de «Orient Express», sob a direção de Carlo Ludovico Bragaglia, tendo por protagonista Silvana Pampanini, que se realiza por conta de uma associação de três produtoras: a italiana Cinefilms, a francesa Sirius e a alemã Meteor Film. No «cast» figuram nomes de atores italianos, franceses e alemães, dentre os quais se destacam, além de Silvana Pampanini, Henri Vidal, Folco Lulli, Eva Bartok, Curt Jugens, Michael Lenz, Robert Arnoux. Depois dos exteriores, nos Alpes, terá início a filmagem dos interiores nos estúdios romanos da Titanus. A fotografia está sob a responsabilidade de Aldo Tonti.

O diretor Roberto Rosselini prepara-se para realizar uma adaptação cinematográfica da peça «Dialogues de carmelites», de Georges Bernanos, que constituiu um dos maiores sucessos das duas últimas temporadas teatrais parisienses. O papel principal, de Soror Blanche de l'Agonie du Christ, será interpretado por Ingrid Bergman.

TCHECOSLOVAQUIA

Entre as obras de temas da atualidade, em filmagem nos estúdios tchecos, destaca-se o filme dramático «As irmãs». De um conflito entre vários personagens importantes surge um quadro emocionante da vida no campo nos dias atuais. O diretor de «As irmãs», o jovem realizador Jiri Krejcik, já foi laureado com o Prêmio do Estado, por sua obra «Amanhece sôbre nós», que se desenrola no ambiente de uma mina.



TENHO UMA CASA, UMA FAMÍLIA E SINTO-ME FELIZ (Fala Lollobrigida)

ROVLAND

Nascida naquela região do sul de Roma chamada «ciociaria», pelo tipo de calçado que usam seus habitantes — as «ciocis» uma sola amarrada a um pano, que cobre o pé e a perna até quase o joelho, mediante dois laços trançados — Gina Lollobrigida é de ordem modesta. Mas, quando sua família se transferiu para Roma, os pais notaram que a garôta tinha certos pendores para o desenho e a inscreveram no Liceu Artístico. No Liceu, falava-se muito em fitas de cinema, em «estrêlas» de cinema, em bonitões de cinema. E a linda estudanta, como quase tôdas as meninas da sua idade que se julgassem possuidoras de um bonito palminho de rosto, começou a pensar sèriamente em ingressar no mundo da tela. Certo dia, apresentou-se, sòzinha e meio encabulada, num estúdio e foi logo escolhida para um papèlzinho de odalisca no filme «Aquilla nera». Mas essa experiência cinematográfica não teve conseqüências imediatas, a não ser a amizade que ela estreitou com outra candidata a «estrêla», uma bonitona de sotaque estrangeiro e de origem grega: Yvonne Sanson. E Gina voltou ao Liceu Artístico.

Na noite da eleição de Miss Roma de 1946, o destino esperou Gina diante do portão da casa dela, na pessoa de um jornalista que a conhecia. Voltava ela de um passeio sentimental com o noivo. O jornalista atrapalhou o idílio e insistiu para Gina apresentar-se nó Concurso de Beleza. A jovem trajava, na ocasião, um vestidinho côr de rosa sem qualquer pretensão e não estava absolutamente penteada para uma ocasião tão importante; também o seu maquilage deixava bastante a desejar. Mas não havia tempo a perder; e num automóvel Gina foi conduzida ao lugar em que se realizava o concurso, onde chegou em tempo apenas suficiente para apresentar-se com as últimas concorrentes. Assim que ela apareceu no estrado, o público estrugiu em aplausos, aclamando-a vencedora. O júri, porém, não quis dar o braço a torcer e classificou-a no segundo lugar. Idêntica colocação recebeu em Stresa, no mês de setembro do ano seguinte, quando se apresentou, dessa feita com todos os trunfos, para concorrer à eleição de Miss Itália. Mas a atenção dos produtores e diretores de cinema que a miúdo têm ôlho clínico para essas coisas, já tinha sido suficientemente alertada. O diretor Mário Costa foi o primeiro a lançar-se no páreo, contratando Gina para o filme «Follie dell'opera». A primeira cena que ela interpretou exigia que esbofeteasse o ator Aroldo Tieri. Gina concentrou no biceps tôdas as suas recordações de robusta menina do campo e soltou o braço: Aroldo Tieri acabou quase nocaute. Após «Follie dell'opera», novo filme: «I pagliacci».



Dizem que não possui uma bela voz. Em compensação...



Gina Lollobrigida, síntese da beleza peninsular.

No mês de janeiro de 1949, em meio às neves do monte Terminillo, numa pequena igreja do alto da serra, Gina Lollobrigida casou-se com o médico iugoslavo Mirko Skofitch, encerrando o balancete de sua atividade cinematográfica com êsse ativo: três filmes e um marido.

A vida particular da atriz não tem nada de monótona. Nos curtos períodos entre um filme e outro, ela joga tênis ou dá longos passeios de bicicleta. Durante o inverno, ninguém lhe tira seu mês de férias para levar uns tombos na neve com os esquis nos pés; no verão, gosta de frequentar as praias elegantes. Gina é também boa cozinheira, principalmente desde o dia em que a sua empregada de forno e fogão resolveu pegar uns biscates como genérica de cinema. Mas sua verdadeira paixão, que é mais do que um «hobby», continua sendo a pintura, à qual dedica as horas disponíveis.

Gina viajou em um avião pela primeira vez, por motivos de trabalho e, se bem que declare que teve «um mêdo dos diabos», continua utilizando as vias do ar, tôdas as vêzes que deve viajar. Freqüenta muito cinema e comove-se ou diverte-se com as fitas, como se desconhecesse por completo os truques do cinema. Não fuma nem bebe álcool. E tem um médico particular que sempre a acompanha e no qual ela deposita a mais absoluta confiança: seu marido.

Gina Lollobrigida trabalhou sob a direção de alguns dentre os mais importantes diretores do cinema europeu; e, atualmente, sua personalidade de atriz é unânimemente considerada madura para as grandes interpretações que dela se exigem.

Por outro lado, também os diretores — sem exceção: de Blasetti a René Clair, de Christian Jaque a Vasarotti — declaram-se plenamente satisfeitos com o trabalho da atriz, cuja popularidade no mundo inteiro, e não apenas por possuir ela, como escreveu um jornalista inglês, «os mais belos ombros do mundo», não sofre mais contestações.

Aludindo às incessantes propostas que lhe são feitas para que interprete filmes comerciais, Gina declarou ao representante de Unitalia Film: «Tenho uma casa e uma família, sinto-me feliz, mas não estou satisfeita. Desejo construir uma escada para subir ao ponto mais alto na carreira de atriz de cinema e, para isso, devo aprender a renunciar a muita coisa. Às vêzes é difícil responder com uma negativa; mas é preciso fazê-lo». Isso demonstra que o bom senso, em certos casos, pode perfeitamente aliar-se também à beleza. Atualmente, Gina trabalha, num duplo papel, no filme «Le grand j'eu». O diretor Robert Siodmak, de Hollywood, achou que nenhuma atriz européia podia arcar melhor com essa responsabilidade.

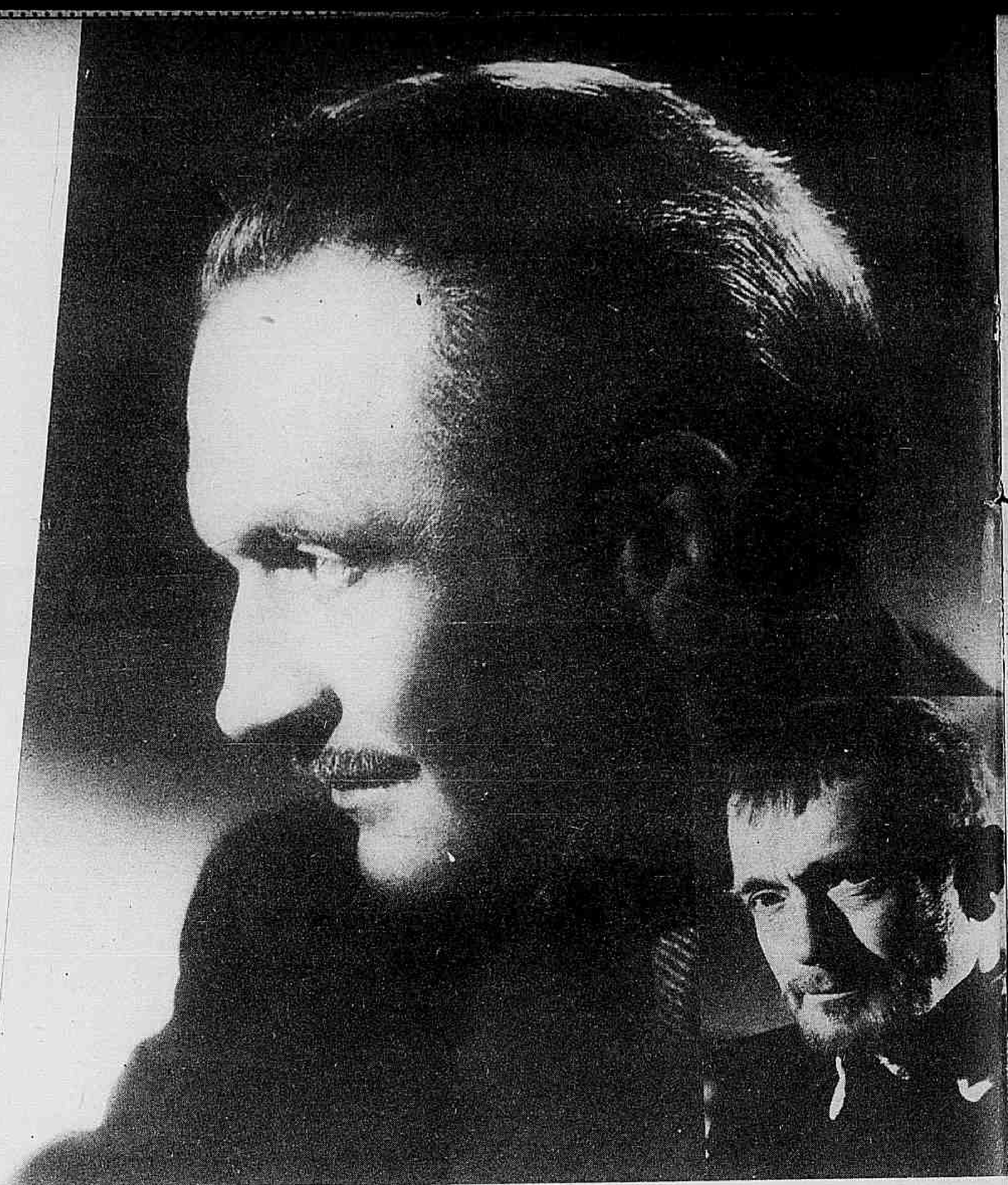
FILMOGRAFIA DE GINA LOLLOBRIGIDA

«Follie dell'opera», «I pagliacci», «L'elisir d'amore», «Compane a martello», «La sposa può attendere», «Miss Itália», «Cuori senza frontiere», «Alina», «Vita da cani», «La città si defende», «Caruso, leggenda d'una voce», «Amor non ho, però... però...», «Achtung banditi!», «L'ora della fantasia», «Fanfan La Tulipe», «Altri tempi» (episódio de Frinéia), «Les belles de nuit», «Le infedeli», «La provinciale», «Il figlio di Don Giovanni», «Il tesoro dell'Africa», «Pane, amore e fantasia», «Le grand jeu».

OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE E DO PASSADO

VII-PIERRE FRESNAY

De H. ANDERSEN
exclusivo para «A CENA»



Pierre Fresnay, um ator de expressiva máscara. Ao natural e em sua máxima caracterização, a de Monsieur Vincent.

Pierre Fresnay, nascido em Paris a 4 de abril de 1897, descende de família alsaciana e tem o nome de família de Laudenbach. Filho de protestantes, pertencia à classe média e seu pai era professor de filosofia no Liceu Saint Louis. Seus parentes eram extremamente religiosos e havia entre êles diversos pastores protestantes.

Pierre Fresnay começou sua carreira artística com o pseudônimo de Pierre Vernet, e estreou no palco aos 16 anos na peça «L'Aigrette», onde também atuava a famosa Réjane, glória do teatro francês. Em 1917 encarna Mário na peça «Jeu de l'amour et du hasard». Em 1915 marca o seu «debut» no cinema em «France d'abord». Logo depois tem a sua primeira experiência matrimonial e casa-se com Rachel Bérendt. Estávamos então na Primeira Grande Guerra e em 1917, Fresnay é mobilizado. Termiñada a Guerra volta à sua carreira e em 1919 entra para a Comédie Française. Nesta Companhia fica até 1923, pois então vai tomar parte em «Cyrano» na Companhia de Sara Bernhardt. Com uma vida teatral intensa, torna-se desde logo conhecidíssimo nos meios do melhor teatro francês. Ator inteligente, conhecedor de seu «metier», viria Fresnay mais tarde a ser um dos maiores vultos também do cinema. Divorciando-se da primeira espôsa, tem a sua segunda experiência matrimonial e escolhe desta vez Berta Bovy. Com ela permaneceu casado até 1932, quando conhecendo Yvonne Printemps, que fôra a segunda espôsa do não menos talentoso e famoso Sasha Guitry, apaixona-se e casa. Yvonne foi a sua grande paixão e êle levou a sua adoração até a promessa de jamais beijar outra mulher, nem mesmo na tela. Para isso uma das cláusulas de seus contratos obrigava aos realizadores das películas em que Fresnay atuasse, jamais colocar cenas de



Em «Almas condenadas», um filme francês de valor.

beijo, nem mesmo em filmes onde o ator tivesse um papel romântico.

Com Yvonne, Pierre Fresnay dirigiu o teatro La Michodière. Fizeram várias películas juntos, inclusive uma versão francesa de «Adrienne Leucouvrer», feito na Alemanha. Entretanto o maior êxito que obtiveram no cinema foi em «Três Valsas».

Prodigiosamente versátil e dotado de extraordinária sensibilidade artística pode ser personagem de um drama, de uma comédia de costumes, de um gênero leve de Vaudeville, ou de atuar com acêrto numa tragédia.

Representando em peças de Molière, já foi Acaste, Eraste, Valère e Leandre.

Quando criou, de maneira magnífica, o papel principal de «Monsieur Vincent, Capelão das galeras», os padres católicos se surpreenderam como um protestante pudesse viver de maneira tão intensa a vida de um santo católico, e pelo olhar imensamente profundo, demonstrar a intensidade de uma vida interior. Perguntaram a Pierre como podia fazê-lo, e o grande ator respondeu: «Ça c'est fait comme ça».

Em 1938, aparece como um dos mais populares atores do ano, e justamente neste mesmo ano «A grande ilusão» de Renoir, era considerada na América como a melhor película. A «Grande Ilusão» era uma construção dramática com caráter de documentário, e sem orientar o tema para um sentido filosófico ou político, era uma documentação da vida de um grupo de prisioneiros de guerra, pertencentes a várias camadas sociais, cada qual com seu caráter, suas idéias, seu temperamento e um vocabulário próprio. Fresnay obtivera grande êxito interpretando um oficial de carreira. «A Grande Ilusão», filme antológico, provocou grandes polêmicas, e Goebbels proíbe a sua apresentação na Alemanha, alegando ser uma obra simpatizante do semitismo. Enquanto isto na Rumânia o filme foi mal recebido, sendo taxada de realização anti-semita.

Pagnol, homem de teatro, mas que também fêz cinema, adaptou para a tela algumas de suas peças ,e a trilogia «Marius», «Fanny» e «César» foi filmada. Contava a vida de famílias marselhesas, pintando de maneira pitoresca todos os seus personagens, com tanta agudeza que em cada um havia tudo de um verdadeiro marselhês: aquêle que está sempre pronto para uma discussão acalorada, mas nunca, ou quase nunca chega às vias de fato, pois antes disto terá dado um apêrto de mão e com o ex-contendor tomará um trago no mais próximo boteco. César interpretado de maneira impressionante por Raimu, era o botequineiro no Quai du Vieux-Port. Marius, seu filho, fôra encarnado por Pierre Fresnay, e sòmente assim poderíamos nos expressar acêrca de sua interpretação, tamanha a veracidade com que o ator atuava na película, ou melhor, nas três películas. Um verdadeiro sôpro de vida era dado por Fresnay ao personagem. César fizera de Marius um caixeiro, mas êste sonhava fugir de Marselha. Era o rapazola meio rude, de cabelos emplastados de vaselina, com um linguajar tìpicamente marselhês, usando palavras de calão, e que possuía com tôda a fôrça de sua juventude um ideal — ser marinheiro. Como se distanciava êste personagem do oficial de carreira de a «A Grande Ilusão». Fresnay entusiasma na pele de Marius.

Que poderíamos dizer então da sua miraculosa aparição em «A mão do Diabo»? Ou iríamos nos deter, fazendo uma lista de elogios pela sua valorosa contribuição no filme «Le Corbeau»? Esta película lhe custou aborrecimentos, pois os elementos da Resistência Francesa estigmatizaram o filme, considerando que possuía um sentimento germanista, traindo o brio francês, e apresentava uma pequena cidade da França onde só havia elementos maus. Conseqüentemente, constituía uma desmoralização para os franceses. Fresnay passou a ser antipatizado porque aceitara em atuar no filme. Mas havia um certo exagêro e mesmo êrro na acusação que pretendiam generalizar uma coisa particular, assim sendo poucas obras não cairiam em tal culpa.

Atuou o grande ator em nada menos do que quarenta filmes. Fêz um personagem místico em «Deus necessita de homens», que é uma obra ante-clerical e em «Barry», onde interpretava um padre. Já em «O assassino mora no 21» era um polícia, o inspetor Vence.

Fresnay é um verdadeiro demônio da plasticidade e apesar de ter atuado com enorme freqüência no cinema francês, assim se expressou na época do advento do som no cinema:

«E' um monstro inviável, a combinação absurda de dois meios de expressão cuja antimonia trará brevemente o fracasso desde já evidente. O diretor de teatro que permitiu a seus contratados interpretar no cinema falado deu provas de deplorável desconhecimento da verdadeira natureza da nossa arte».

Assim recebeu o grande ator o som na cinematografia, mas graças ao som podemos dizer com convicção: Fresnay, entretanto, é um dos expoentes da tela loquaz...



Fresnay notabilizou-se na criação dos mais variados tipos. Porém, em «Monsieur Vincent» logrou o maior sucesso.

Em «A sombra do pavor», outro dos seus grandes êxitos.



NOVELA DAS IMAGENS

OS FILHOS DO AMOR

Elas vêm de tôda a parte, de todos os meios, de tôdas as regiões. Saem tôdas de um romance de amor. Amôres tristes, amôres secretos, amôres envergonhados. São canções que terminam do mesmo modo nessa grande casa, quieta e estuante de vida. Ali vêm tôdas, aquelas a quem a sociedade chama com ar de superioridade: as mães solteiras.

Os pais, conhecidos ou desconhecidos, das crianças que ali vão nascer, levam uma vida despreocupada; não são pais solteiros, são celibatários.

Nesse refúgio há duas mulheres assoberbadas por tantos dramas a socorrer: a diretora, que acabou por endurecer e parece impiedosa porque lhe falta tudo, vagas, dinheiro, auxílio... E Helena, uma assistente social. Para esta não há esfôrço que tenha fim, nem repouso, enquanto alguém precisar de auxílio.

É ela, no princípio desta história, quem recebe Ana Maria, chegada ao extremo de suas fôrças e ao extremo das suas mágoas, e que só por uma casualidade trágica obtém uma vaga: a de uma outra pensionista que acabara de morrer de parto.



E L E N C O:

ETCHIKA CHOUREAU.........Anne Marie
JEAN-CLAUDE PASCAL.......Dr. Maurain
LISE BOURDIN...........Hélène Lambert
Com: Jean Max — Maryse Martin — Dominique Page — M. H. Demongeot — Nadine Tallier — Janine Darcey — Georges Galley



F I C H A T É C N I C A:

Diretor..................LÉONIDE MOGUY
Adaptação do romance de Marise Querlin, Léonide Moguy e Jean-Charles Tachella
Diretor de Fotografia......Robert Juillard
Cenografia.................Rino Moncellini
Música de..................Joseph Kosma
Distribuição no Brasil........França Filmes



Anne Marie e dr. Maurain (Etchika Choureau e Jean-Claude Pascal) são envoltos pelo afeto.

A enfermeira (Aimee Laniel) e Anne Marie vivem os seus dramas.





Anne Marie é acusada de infanticídio.



O inspetor acusa-a. Seus olhos enchem-se de lágrimas.



No imenso dormitório do asilo.

OS FILHOS DO AMOR

Casa curiosa: dir-se-ia uma espécie de pensionato cujas alunas fôssem espantosamente advertidas pela vida. Sua história parece estar escrita em seu rosto... Liliane é o trigo verde, uma lembrança de férias que floriu em carícias inocentes ainda. Nicole seria a mesma coisa, mas é a vergonha de uma família que se considera "bem" e oculta o escândalo ao preço desumano de tôdas as durezas, de todos os abandonos. Dollie é a vida, as noites em Pigalle, as taças de champanha, os amigos de ocasião. O que lhe sucedeu não é um drama doce ou amargo, como o é para as outras, foi uma espécie de acidente... Dollie é portanto uma preocupação de Helena. Esta moça demasiado livre ameaça o frescor das outras. Com ela tudo é possível: a revolta, as decisões loucas, os projetos perigosos.

Na grande casa das mulheres que não têm casa, há só um homem — o médico. É êle o detentor de todos os segredos. Só Maurain sabe que Ana Maria já tivera um filho e que Dollie correu o risco de morrer de abôrto... Uma só o irrita, o intriga e o atrai: Helena a assistente, Helena a carinhosa, Helena de olhos às vêzes cheios de miséria.

Maurain não acredita nas ilusões de Helena; não acredita que a bondade possa tudo salvar. Não crê que um filho deva ir ao mundo... obrigatòriamente, se é para aumentar a gritaria num chiqueiro já atulhado. Maurain é homem de ciência e de lógica, e um dia em que ambos se encontram diante da miséria de uma mãe, êle enfrenta Helena. Para êle o contrôle dos nascimentos é uma necessidade, para êle é um dever impedir que certos infelizes venham ao mundo. Helena, quando êle diz isto, olha-o com olhos sùbitamente endurecidos, como se olha um criminoso.

A vida corre como um rio, como torrente de verão. Nicole dá seu filho à luz e o asilo trava conhecimento com a mãe de Nicole. Será também ela uma mãe? Essa mulher autoritária, que só tem "escândalo" e "honra" na bôca? Grandes palavras essas para ocultar ações vis, como o abandono do bebê. Nesse dia esboça-se a revolta.

Cartas chegam, como nas prisões, trazendo um pouco da atmosfera lá de fora, cartas meigas, cartas duras, cartas equívocas. Uma delas é roubada por Dollie, que assim encontra o enderêço de uma curiosa comerciante. Ah, sim! existem nas cidades mercadoras de crianças. E Dollie pensa em vender a sua.

Tal comércio porém é proibido e um dia a polícia entra na casa que se dizia um asilo. Ninguém pode impedí-lo. Os homens da justiça procuram uma pista. Encontram uma prêsa. Dollie? Não, a pobre Ana Maria, acusada de ter morto o seu primeiro bebê.

Na casa azul e rosa, um quarto é transformado em cela. Tôda a casa entristece, apesar da alegre história de Liliane que se vai casar, casar-se muito breve, evidentemente, com o seu amado das férias, um estudante todo orgulhoso da sua paternidade. Foi Helena quem fêz florir essa ventura. Helena marcou um ponto contra o médico.

Estranho casamento, na verdade, na casa das futuras mamãs... E é durante essa festa que Ana Maria grita tôda a verdade, como cedeu à sensualidade dos ceifeiros, como seu pai a expulsou, como morrera seu filho.

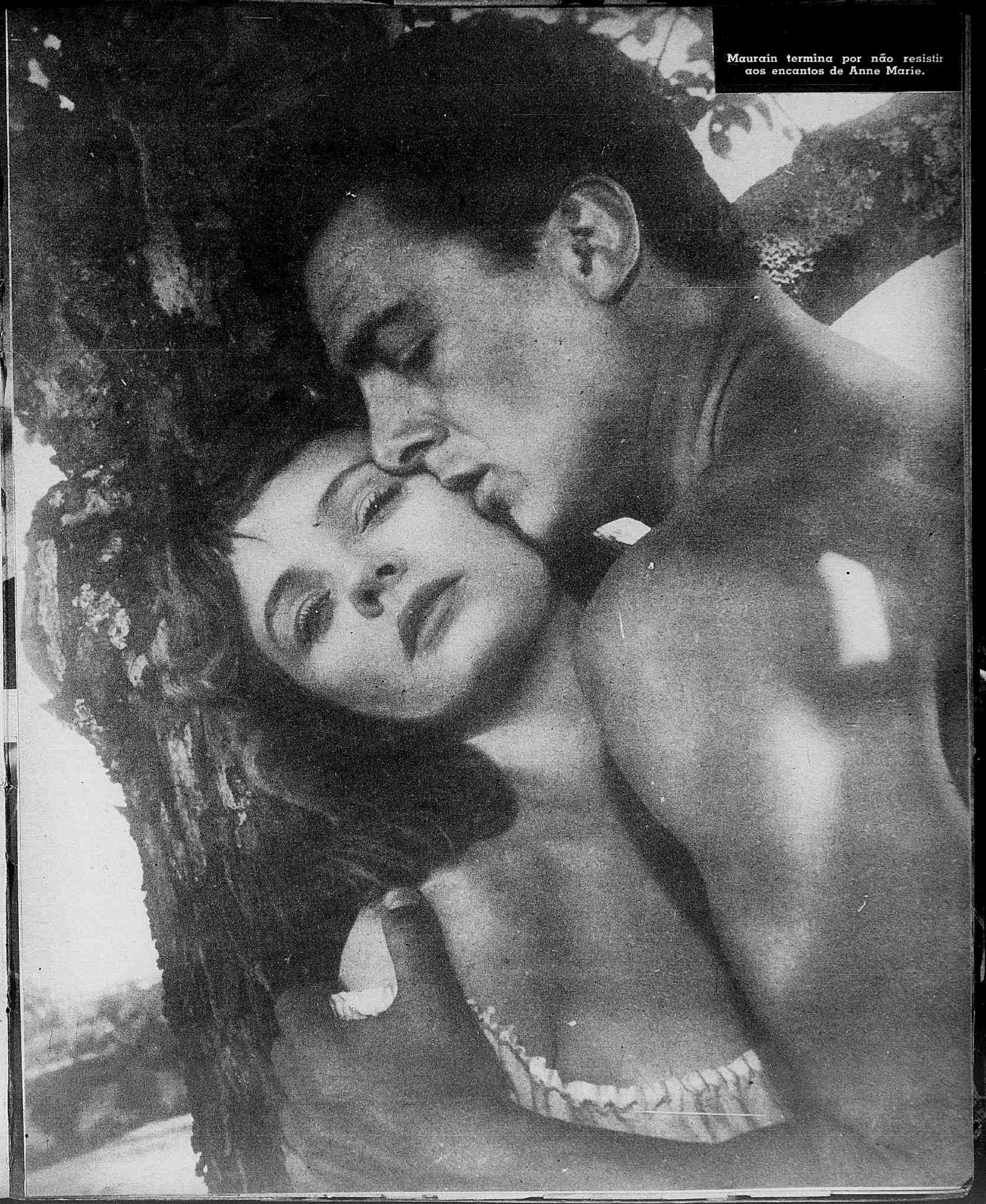
A casa secreta torna-se devassada pelos jornalistas. Uma bela história para deliciar os leitores.

Uma história horrível que fêz vir o pai de Ana Maria. Ana Maria, injustamente acusada.

Entretanto, as tradições, as grandes frases e os falsos sentimentos tentam destruir a casa rosa e azul. Maurain, o médico, é desautorizado pelo Presidente da Instituição que lhe censura as teorias revolucionárias. Que importa! Maurain lutará, lutará tanto ou mais ainda do que quando estava só, agora que Helena estará perto dêle, confiante.

Juntos, alcançarão outras vitórias. Juntos, verão Dollie, a leviana, tornar-se mãe, uma verdadeira mãe. Juntos saberão quanto resta a fazer e a lutar por tôdas as mães solteiras e por todos os filhos das mãos solteiras...

Trabalho angustioso e magnífico a que êles, sòzinhos, jamais conseguirão ver o fim.



Maurain termina por não resistir aos encantos de Anne Marie.



A MAIOR BAILARINA DOS ESTADOS UNIDOS, MARIA TALLCHIEF, VOLTARÁ EM "FESTIVAL BALLETT"

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

Maria Tallchief é considerada atualmente a maior bailarina americana. Jamais visitou o Brasil mas já é bem conhecida das platéias do Rio e São Paulo, através do cinema. Isto aconteceu no ano passado, durante o extraordinário êxito obtido pelo 2.º Festival Mundial de Filmes de Dança, intitulado "A dança e a imagem". A sua atuação ao lado de André Eglevsky em "O cisne negro", em um dos filmes da representação oficial dos Estados Unidos, foi consagrada com o segundo grande prêmio de bailarina. Apesar da intensa divulgação que teve êste filme nas duas principais cidades do país, êxito que se irá repetir, no mês de julho próximo, em Pôrto Alegre

Nos estúdios da Metro, Maria Tallchief demonstra o encanto de sua «ponta» para Esther Williams.



e, a seguir, em Recife, pois "A dança e a imagem" será vista naquelas cidades, Tallchief ainda ficará mais conhecida pois, em "Rainha do mar", revive a figura de Anna Pavlova. Da mesma maneira do que sucedeu com Tamara Toumanova que, em "Sinfonia eterna" evocou essa tão célebre bailarina no passado, Tallchief também interpretou na tela "A morte do cisne". Assim ocorreu na película da Metro "Rainha do mar", exibida no Festival da mesma emprêsa, recentemente no país. Porém, em matéria de divulgação em imagens, o assunto não ficará por aí. No "Festival Ballet", a terceira mostra mundial de filmes de dança, que será realizado dentro de poucos meses no Rio, São Paulo, Pôrto Alegre e Recife, ressurgirá Maria Tallchief em recente película: "Sinfonia concertante". Esta película já está sendo prevista para o programa inaugural que, conforme tem sucedido nos anos anteriores, será apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

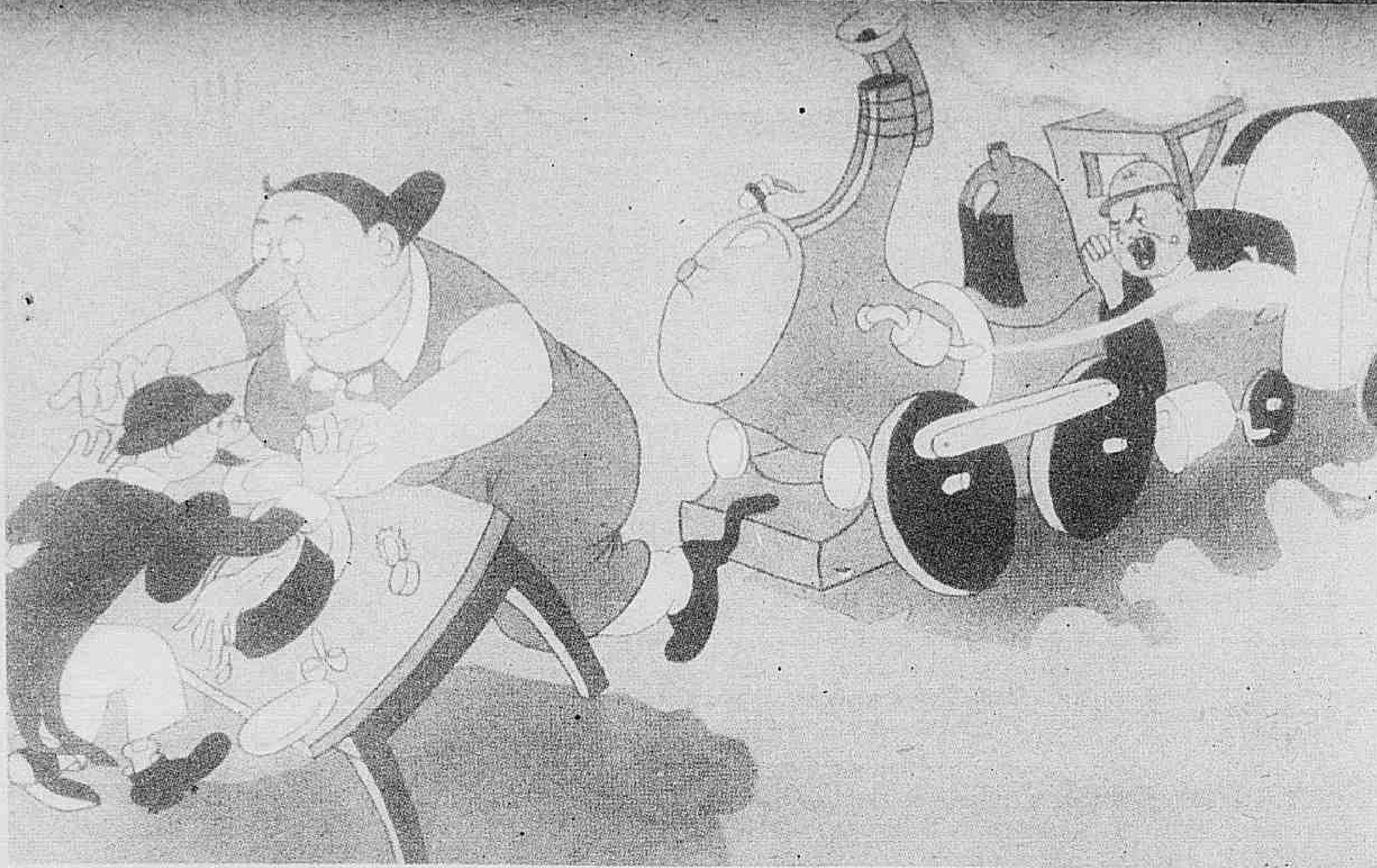
Individualmente, a sua figura merece uma detida análise. As duas principais características do seu estilo são o virtuosismo da técnica e a extraordinária leveza. Não possui, entretanto, tôda aquela sensibilidade de transmissão poética conforme, por exemplo, se irradiava na maior bailarina americana de outras épocas, ainda não superada no presente: Nini Thelaide. Esta excepcional intérprete, que o Rio conheceu, foi também consagrada no cinema, através do inesquecível bailado de Bronislava Nijinska em "Sonho de uma noite de verão". Entretanto, Tallchief, ainda muito jovem, não alcançou o "climax" da sua carreira. As suas inegáveis virtudes ainda poderão crescer muito acima do honroso título que hoje desfruta, o de máximo expoente da dança clássica nos Estados Unidos.

No início da sua carreira, ainda uma criança, estudou com Madame Nijinski. Com a idade de 15 anos fêz a sua primeira apresentação em um palco, no "Hollywood Bowl". No cinema isto aconteceu em pequena aparição, no conjunto de um dos bailados de "Ziegfeld", antigo filme da Metro. Ainda adolescente, teve a sorte de passar a ser uma das figuras do conjunto do "Ballet Russo de Monte Carlo". Quando começou a ser distinguida pelos lauréis da crítica e do público foi convidada para exibir-se no Teatro da Ópera de Paris e foi a primeira bailarina americana assim homenageada. De volta aos Estados Unidos, em conseqüência do êxito alcançado, foi convidada para primeira figura do "New York City Ballet", onde ainda se encontra, cada vez mais prestigiada.

Entre os papéis da sua preferência podem ser citados: "Sinfonia concertante" — que será visto em "Festival Ballet" — "O cisne negro", "Orfeu", "Sinfonia em "C", "Quatro temperamentos" e "Os convivas".



Ao lado de Mervyn Le Roy e Arthur Hornblow Jr. durante as filmagens de «Rainha do mar».



No desenho animado, o trem foi empregado com seus elementos mais plásticos e dinâmicos: a fumaça da locomotiva, o apito estridente, as rodas em movimento e a iminência de um acidente.

CURIOSIDADES E "CLOSE-UPS"

UM ATOR IMPERECÍVEL: O TREM

De **SANIN**, exclusivo para A CENA

DESDE os primeiros dias do cinema, inadvertidamente talvez, os irmãos Lumière, inventores do cinematógrafo, descobriram um ator que perduraria através de tôdas as fases do cinema. Êste ator, por assim dizer, imortal, é o trem de ferro. No primeiro programa cinematográfico, o filme que sem dúvida mais emoção causou, foi «A Chegada do Trem». Os espectadores viam o trem surgir à entrada da gare, aproximar-se até o primeiro plano, os passageiros saltarem com suas malas, um dêles brandir a bengala contra o estranho aparelho que gravava em celulóide as cenas. Muitas chegadas e partidas de trem se sucederam até que, em 1902, Edwin S. Porter inaugurou nos EE. UU. um gênero que deu inúmeros descendentes. Foi o seu filme «O grande roubo do trem», «western» em que bandidos assaltam os passageiros. O fotógrafo de Porter, James White, registrou planos que depois de muitos anos fizeram-se lembrados em «Matar ou morrer», de Zinnemann. Na França, no ano de 1921, Abel Gance realizou um filme de longuíssima metragem: «A roda». Mestre de montagem dinâmica, reduzido o filme à proporções projetáveis, o fio da história perdeu muito do seu primitivo significado. A locomotiva de elemento de ligação, torna-se protagonista. Êste filme serviu de inspiração a Honneger para a realização de sua peça sinfônica «Pacific 231» que, recìprìcamente, permitiu a criação de uma obra cinematográfica de mesmo nome, verdadeira integração de música e imagem. Outros filmes vieram nos quais o drama desenvolve-se total ou parcialmente no interior de um trem. Após o silencioso, no falado entre centenas de exemplos, desde «Expresso de Shangai» (1931) a «Rumo ao inferno» (1954) houve outras sugestões magníficas como em «Sou um fugitivo» em que um trem atravessando um mapa dos Estados Unidos, corresponde ao deslocamento do protagonista naquele país.

O trem é inegàvelmente um dos elementos plásticos de maior valor com que manipulam os diretores. A sua fumaça, o seu complicado mecanismo de tração, o ruído tem-se prestado às mais soberbas explorações.

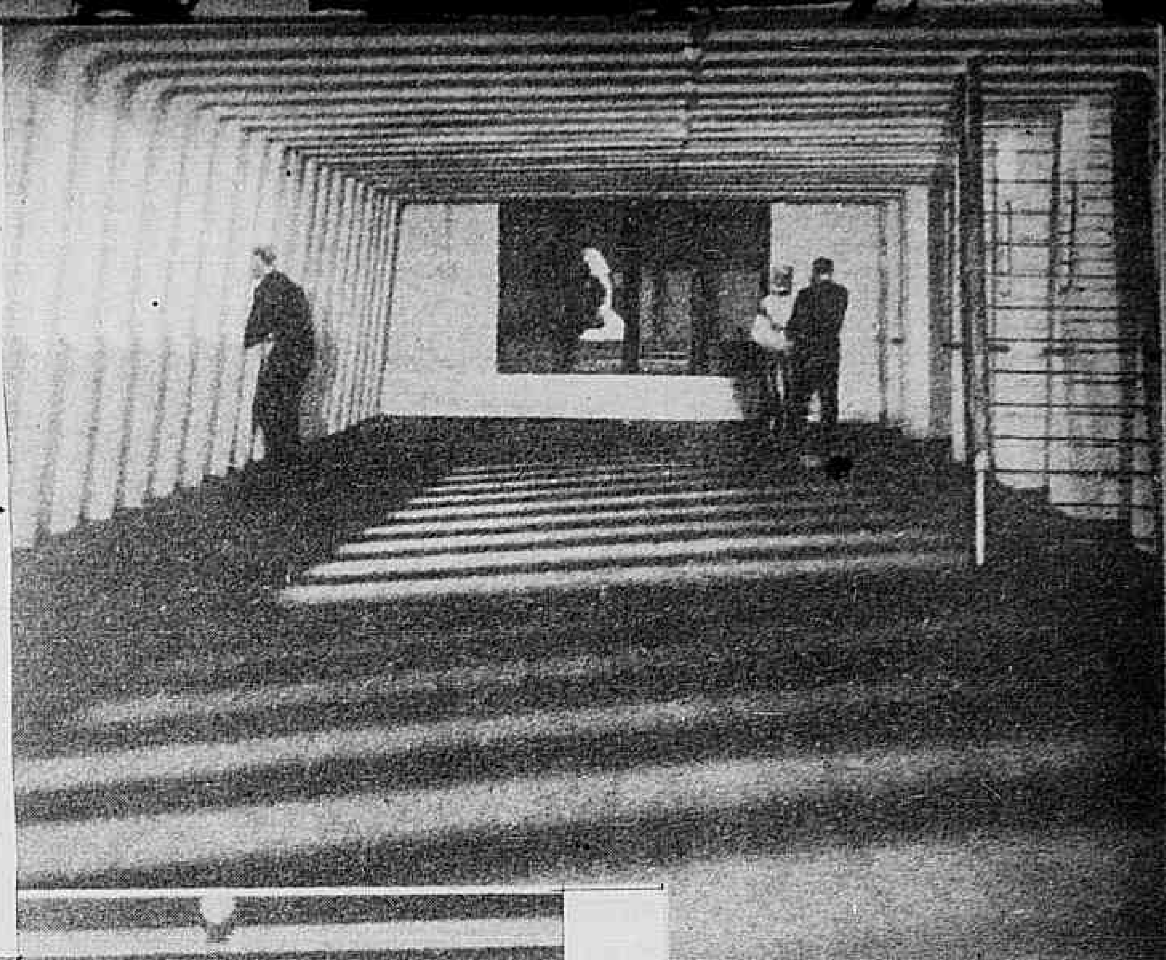
Trens se chocam na tela com tal violência que, depois do acidente, aparentemente nada restará do mundo; trens na iminência de partir criando situações embaraçosas ou, por vêzes, cômicas; trens partindo, levando desenganos ou buscando triunfos; cabines trocadas criando casamentos ou divórcios; trens apitando desesperadamente através de noites escuras, explodindo adiante com cargas de dinamite colocadas sôbre a linha. O cinema, arte em que o movimento liberto lança-se em tôda a sua desesperação atravessando o retângulo de sombras, entrando na sua feição tridimensional lançará trens contra a platéia que será atropelada pelo ruído estereofônico e pisado pelas sombras sugestivas que criam emoção. E tudo isto, irônicamente, feito nos estúdios através de miniaturas «models»), um assunto que tem sido elucidado na página ao lado, em «Segredos da tela».

SEGREDOS DA TELA

"LONG-SHOT"

A fim de baratear a confecçao de um filme usam-se, freqüentemente, os recursos mais variados. Um dêles consiste no emprêgo de «decores» reduzidos; miniaturas de ambientes que, pelas dificuldades de realização em estúdio, ou pelo elevado preço, justificam o seu emprêgo. Uma das características dêstes «decores» é o alto padrão de perfeição com que são feitos. Reconstroem-se, desta maneira, cidades inteiras com um gasto mínimo de material e dinheiro, poupando, além disso, um largo espaço no estúdio.

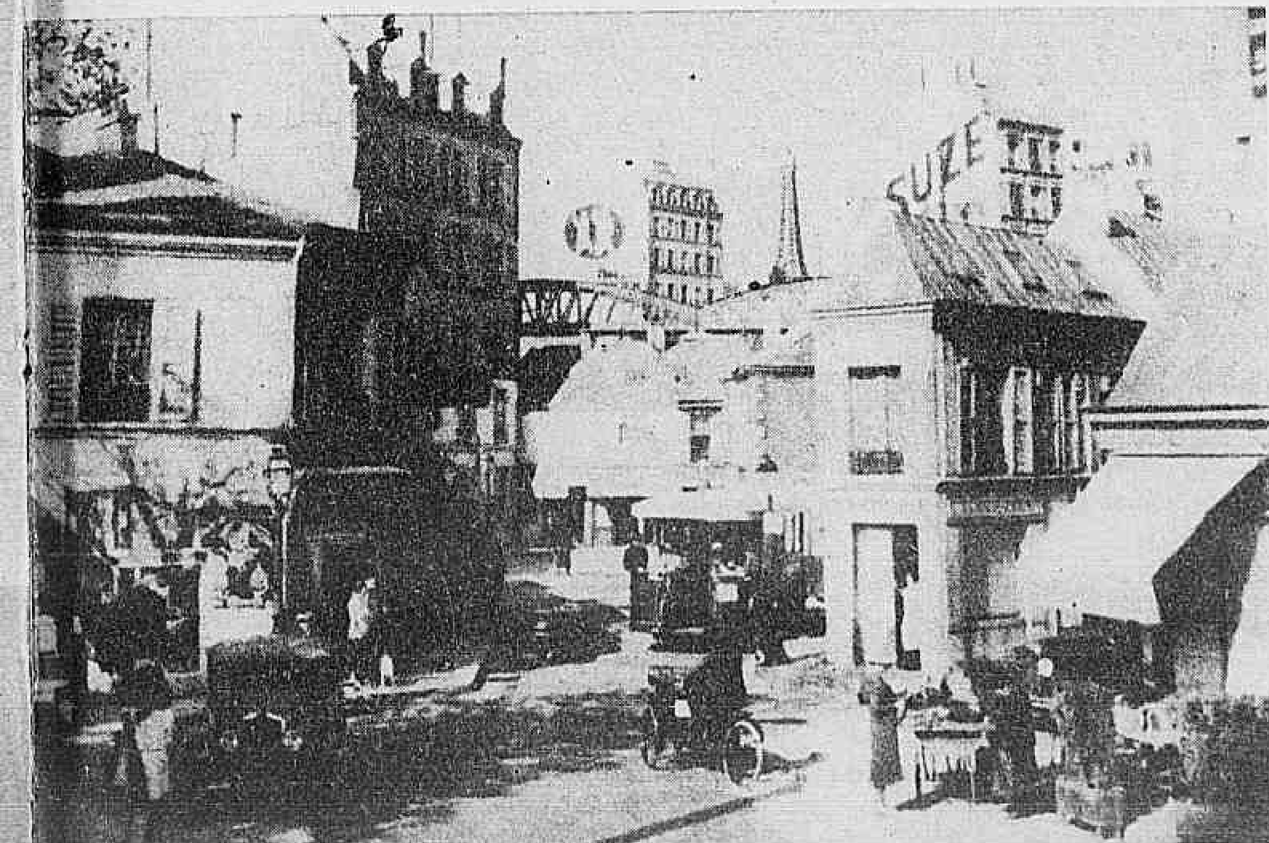
Por vêzes, para realçar e dar maior autenticidade ao ambiente reduzido à escala desejada, colocam-se no cenário bonecos, alguns dêles animados por dispositivos mecânicos e que sugerem, elementarmente, os movimentos humanos. Êstes «decores» são empregados também quando se trata da utilização de um pequeno trecho de cenário mas que tem que ser apenas totalmente exibido. Reconstrói-se então em tamanho natural o trecho necessário no qual atuarão atores tendo-se antes o cuidado de, na «maquette», colocar os bonecos na posição em que veremos os atores trajados de maneira idêntica. Sòmente assim conseguir-se-á o realismo desejado. Êstes «decores» reduzidos, quando colocados diante da câmara dão também, por superposição com um cenário natural, a impressão de que constitui parte integrante do mesmo. Isto pode ser fàcilmente verificado nas gravuras desta página. É muito mais vultoso do que se pensa o número de cenas em que surgem as miniaturas com bonecos imitando os atores. Sòmente uma estada diária nos estúdios (conforme sucedeu ao redator desta página, em Londres e Paris) adiantados é possível verificar o grau de adiantamento e a perfeição de recursos. (Fotos de «Truquagens au Cinema»).

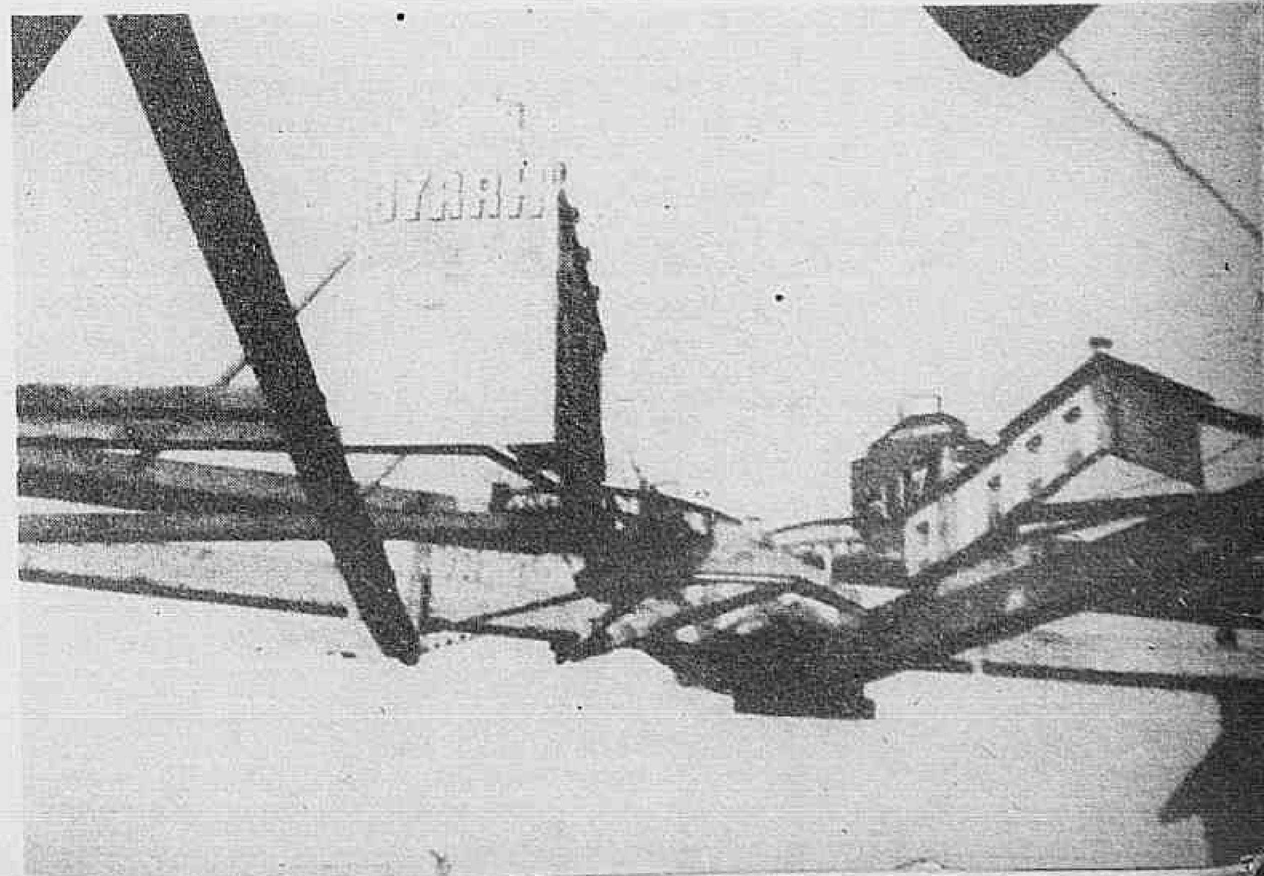


A maqueta que será empregada numa seqüência de um filme. Não fôsse a presença de um elemento humano, ninguém diria tratar-se de uma miniatura. Observem, ao fundo, o rosto do técnico controlando os movimentos dos bonecos. A presença dos bonecos animados caracteriza melhor o ambiente. A cena é tão rápida que a imobilidade (no caso da foto) passará desapercebida. Porém, «êles» têm cordas elétricas que funcionam quando necessário.



QUANDO OS ATORES SÃO BONECOS





A cidade que será vista é tôda composta de bonequinhos e carros em miniatura, perfeição absoluta. A porção de maqueta que foi acrescida à cidade por intermédio da justa posição de imagens.

CINEMA BRASILEIRO

DE SANIN, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

DE SÃO PAULO
O DIA 20 DE ABRIL

Penso que êste é o título que melhor se integra ao início dêste assunto que, tanto interêsse está causando em São Paulo e talvez, no Brasil todo.

No dia 20 de abril (dia êste que ficará na memória de todos aquêles que se interessam pelo nosso cinema) às 18 horas, o governador do Estado de São Paulo, dr. Lucas Nogueira Garcez, como convidado especial, presidiu ao ato inaugural das atividades produtoras da nova fase da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, com o reinício da filmagem da película «Floradas na Serra».

Finalmente, poderemos dizer de agora em diante, que as nossas produções se firmarão e tomarão um rumo certo daqui para o futuro. Há muito tempo que escrevendo ou falando sôbre cinema nacional quase sòmente se pôde referir às suas crises e aos seus defeitos. A reabertura da Cia. Cinematográfica Vera Cruz foi, de certo modo, diferente do que se esperava. Já foi entregue o «aviso-prévio» a quase todos os seus produtores, diretores, artistas e funcionários. Esta semana mesmo, dezenas dêles se retiraram. Alguns, para continuar suas atividades independentemente; outros, que nunca se interessaram realmente pelo cinema brasileiro já se tenham ido para seus países de origem, onde quem sabe o que farão.

O fato é que mesmo com a dispensa da maioria de seus funcionários, a Vera Cruz continuou suas atividades, aceitando contratos apenas por cada película.

Sua diretoria já foi reconstituída. Seus elementos, quase no total, foram pessoas indicadas pelo Banco do Estado, principal credor dos estúdios de São Bernardo. Portanto, apesar de ser agora uma companhia que procurará produzir em co-produção, e alugar seus estúdios a produtores independentes, a Vera Cruz fará também suas produções.

(Notas de Z. Mendes)

Aurora Duarte, intérprete de «O Canto do Mar», filma em São Paulo «Os Três Garimpeiros».

7 DIAS EM REVISTA

Lança-se, com certo estardalhaço, a película da Atlântida "Nem Sansão, nem Dalila". 20 cinemas simultâneamente projetam êste filme que apesar dos defeitos e do conformismo que representa como criação, revela uma certa boa vontade de usar pelo menos gente nova. Destaca-se a atuação de Wilson Grey e de Carlos Cotrim. Houve festa no cinema Madrid, o caçula do Severiano, que prosseguiu no Clube da Chave, fechando a madrugada. "A noite é grande".

Atividade de cine-clubes mais intensa. O Chaplin Clube com "Monsieur Vincent, capelão das galeras", excelente película do irregular Maurice Cloche, e ao Cine Clube da ASA, com programações regulares reserva-nos grandes surprêsas para breve e parabéns aos seus organizadores pelo reinício das atividades.

Cyl Farney e José Lewgoy são os responsáveis por um programa de cinema na Rádio Mayrink Veiga.

Encontra-se em São Paulo filmando além de Eliana, Aurora Duarte a "estrêla" que Cavalcânti nos revelou em "Canto do Mar". Na Argentina está Fada Santoro também filmando.

O próximo filme de Oscarito será "Colégio de Brotos". Brotos em profusão onde Miriam, a filha do famoso cômico que já atuara em "Os três recrutas" volta ao cartaz ao lado de sua mãe, a atriz Margot Louro. "Nossa família é tôda assim..."

Prosseguem as filmagens de "Nobreza Gaúcha" enquanto a Sacra-Filmes vira "manchete", envolvida em mais um "caso". Esperamos que tudo se resolva bem. O cinema nacional não comporta mais contratempos e adversidades; basta os que já existem.

"Boêmio Poeta" é o título do argumento que Joaquim Menezes escreveu, inspirado na vida do compositor Custódio Mesquita. As músicas de Custódio serão interpretadas pelos principais expoentes de nosso rádio, o que garante o sucesso comercial da película.

Luís Flávio de Faro, jovem escritor, argumentista e futuro diretor, trabalha ativamente na preparação do seu argumento "O Caçador de Esmeraldas". Apesar das inúmeras dificuldades de realização de um filme histórico no Brasil, estas vêm sendo superadas e, brevemente, pretende dar o "primeiro giro de manivela".

As notícias mais contraditórias vêm-nos de São Paulo. Referem-se ao fecha, não fecha da cinematográfica Vera Cruz, Kino Filmes e Multifilmes. A verdade é que enquanto discute-se nada se produz; estão portanto pràticamente fechadas. É simplesmente revoltante que esta indústria morra sem uma vela siquer. Aqui e lá discute-se o salário mínimo e o govêrno mais demagógico que nunca anda aflito com sucessão, correm os governadores e presidentes aflitíssimos de um lado para outro. Vão escolher o "homem" que terminará por enterrar o que sobra. Salvar uma indústria, quando tantos estão preocupados em se salvar, é ridículo.

AOS CINE-CLUBES DO PAÍS

O redator desta seção, através destas páginas, responderá aos pedidos de informações dos cine-clubes brasileiros. Consultas a respeito de aluguéis e empréstimos de filmes assim como listas de filmes das distribuidoras podem ser solicitadas diretamente no seguinte endereço:

Sanin — "A CENA MUDA" — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.



«Terra dos Deuses», um dos filmes inicialmente solicitados na «enquête» promovida pela «CENA» (Foto do arquivo de Ademar Gonzaga).

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1...............................

2...............................

3...............................

4...............................

5...............................

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

FACULTATIVO:

NOME (ou pseudônimo) ....

....

ENDERÊÇO ....

....

CIDADE E ESTADO ....

....

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

«A CENA» ESTÁ RECEBENDO GRANDE NÚMERO DE VOTOS ★ NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS O 1º RESULTADO PARCIAL, COM UMA REPORTAGEM SÔBRE A REPERCUSSÃO DO CONCURSO NAS AGÊNCIAS DE CINEMA.

Além do extraordinário número de votos que estamos recebendo, A CENA cuvirá também, em reportagens especiais, os meios do cinema do país, as agências cinematográficas, os críticos das outras publicações, etc. cujos votos serão abertos, com amplo conhecimento dos leitores.

A REGULAMENTAÇÃO DO CONCURSO

PRAZO: Aproveitando a publicação da série «Os melhores de todos os tempos» (páginas 6, 7, 8 e 9), através da qual os leitores estão sendo, semanalmente, lembrados dos grandes filmes de outras épocas, o prazo para o recebimento de votos será até 20 dias após o término da publicação da referida série, isto é, dentro de alguns meses.

REMESSA: Para maior eficiência do concurso, roga-se que o preenchimento e envio de «coupons» seja semanal; entretanto, é facultada aos leitores a remessa, acumulada, de várias semanas seguidas.

PONTOS: O filme votado em primeiro lugar marcará 8 pontos, o segundo 4; o terceiro 3; o quarto 2 e o quinto 1 ponto. Em um mesmo «coupon» o mesmo filme não poderá ser escolhido duas vêzes. Os filmes que forem indicados mais de uma vez, em um único «coupon», serão considerados em branco.

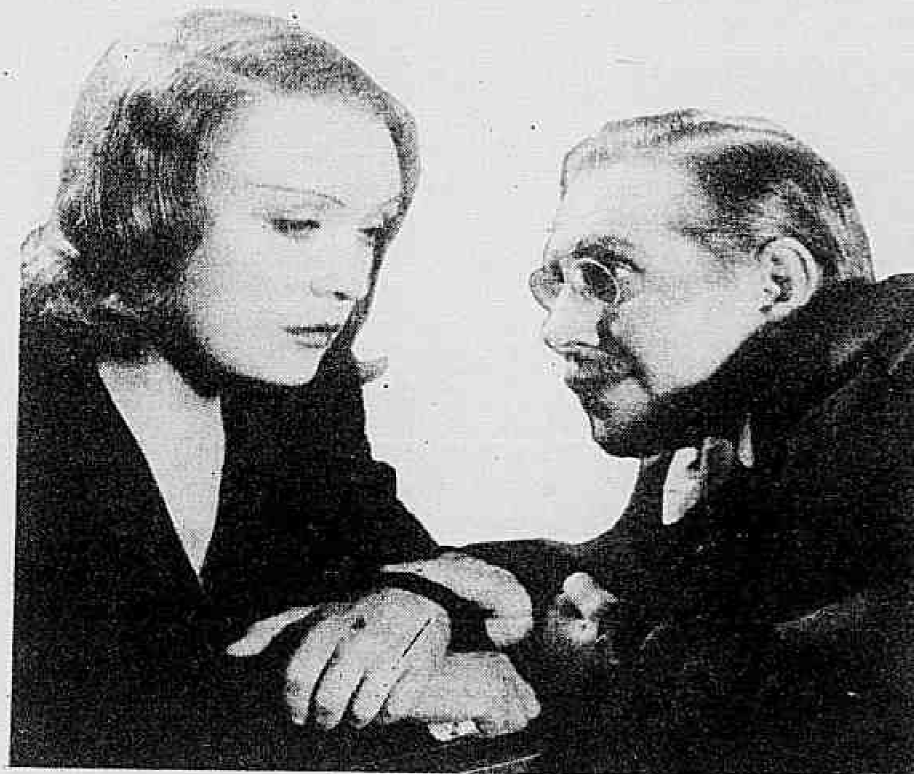
ESCOLHAS: Nos diferentes «coupons» semanais, que se seguirem, poderá ser feita nova indicação do filme ou filmes preferidos, acrescentados de outros, que vierem a ser lembrados ou não da série, «Os melhores de todos os tempos».

LIBERDADE DE OPINIAO: Fica estabelecido que, desde a publicação, na presente semana, os leitores poderão indicar quaisquer filmes, sugeridos ou não nas páginas de «Os melhores de todos os tempos» e referentes a qualquer época do cinema falado, inclusive os de anos mais recentes. Entretanto, deverão se abster de indicar películas que tenham sido refilmadas ou já reprisadas.

NÚMERO DE VOTOS — O número de votos de cada leitor será indeterminado ficando, assim, todos com idênticas possibilidades de terem os seus preferidos eleitos.

OS VENCEDORES — Após o término da série «Os melhores de todos os tempos», no período de dias acima fixado, A CENA empregará todos os maiores esforços, tanto no país quanto no próprio estrangeiro, junto aos representantes ou organizações centrais, no sentido de conseguir o retôrno dos eleitos. Entretanto, não pode, certamente, a revista assumir o compromisso de que tôdas as películas venham a ser reprisadas. No concurso que efetuamos em 1947, para o extinto jornal «A Manhã», entre os 20 filmes primeiros colocados, 18 foram reapresentados.

«Mazurka», com Pola Negri, também lembrado pelos leitores de «A CENA». (Foto do arquivo de Ademar Gonzaga).







«Carrossel da Esperança», com Jaques Tati, o melhor da semana e um dos máximos do mês. Cotado para o quadro de honra de maio. Crítica publicada no número anterior, em pré-estréia.

Woods (reaparecendo em uma ponta), Kenneth Tobey (o principal intérprete de outra interessante fantasia, «O monstro do Artico») e Cecil Kellaway, em um paleontólogo. O diretor Eugene Lourie estréia no cinema com esta película, sem oportunidades. As trucagens por vêzes não convencem, podendo ser percebidas as maquetas e as miniaturas. No entretanto o espetáculo poderá ser tolerado pelo público mais sugestionável e sem exigências. «The beast from 20.000 fathoms», Universal.

FILMES ESTREADOS A PARTIR DE 3 DE MAIO

4 — "A CRUZ DE MINHA VIDA"

Película precedida de grande fama trazendo no elenco Shirley Booth que obteve nada menos do que oito prêmios por êste desempenho, e foi considerada em Cannes (1953), como a melhor atriz do mundo. O conjunto tem belo nível e justificou tôda a perspectiva favorável. O drama foi transplantado do teatro para o cinema, e construído de maneira segura e meritória. Daniel Mann dirige com vigor, tendo o auxílio eficaz de Waxman e James Wong Howe responsáveis pela música e fotografia, respectivamente. O tratamento cinematográfico que recebeu a película, coloca-a ao lado de «Shane» como as duas maiores apresentações da cinematografia americana neste ano de 54. Burt Lancaster tem ótimos momentos nesta grande peça de William Inge. Shirley Booth, grande atriz da ribalta, que colheu inúmeros lauréis no palco e na tela, é, efetivamente, um excepcional elemento. Daniel Mann, que também foi o célebre responsável pelo êxito da peça na Broadway, consegue o mesmo resultado do que Elia Kazan, também vindo do teatro máximo de Nova York. Mesmo respeitando o original e com todo o vínculo de outra arte, conseguiu um raro congraçamento. O filme pode figurar tanto ao lado de «Floresta petrificada» quanto de «Uma rua chamada pecado» e outros do «ciclo» das transposições de célebres peças. Não deve ser perdido pelos entusiastas de cinema de alta categoria. Título de origem: «Come back, Little Sheba», Paramount.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ EM São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIAS DA PRÓXIMA SEMANA

2 ½ — "OS HOMENS PREFEREM AS LOURAS"

Eis aqui a respeitável bilheteria que seria a reunião de duas das mais famosas beldades do cinema, Jane Russell e Marylin Monroe. Apesar da presença da «estrêla» que Howard Hughes lançou em «Proscrito», cujo nome vem em primeiro lugar na publicidade, é «La Monroe» o centro de tôdas as atenções, ofuscando sua companheira. Pelo menos esta foi a decisão do público. É fútil a história da peça de Anita Loos e Joseph L. Fields, pràticamente nula. O «script» de Charles Lederer procurou valorizá-la. Apresenta algumas situações divertidas, diálogos interessantes e algumas piadas, a cargo de Miss Russell. Mas a direção de Howard Hawks não tem a leveza e vivacidade que seriam necessárias ao humorismo, não obstante ser êle diretor de comédias e com incursões por todos os gêneros. De entremeio, números musicais cantados e dançados, um dêles com um grupo de atletas. Alguns preenchem as finalidades da comédia musical e outros de pura ação, a fim que caminhe a narrativa. Entre os coadjuvantes estão Charles Coburn, Tommy Noonan, Norma Varden. Êstes atores estão bem, seguindo de perto a «estrêla». Marylin, desta vez longe do sensacionalismo barato daquele seu filme das cataratas do Niagara, consegue apresentar uma aceitável atuação, na melhor linha de sofisticação feminina, o que, aliás, não lhe deve ter sido nada difícil. Jane Russell tem uma boa cena, a do tribunal onde imita Marylin Monroe, e Elliot Reid, no detetive, é fraco. Curiosidade: nossa deliciosa censura oficial considerou o filme impróprio até 18 anos. Com certeza não gostou dos predicados das «estrêlas», ou não aprova a tese defendida por Marylin de que casar com um milionário pelo dinheiro (do sogro) é recomendável. Título: «Gentlemen Prefer Blondes». (Fox Filmes).

2 — "O MONSTRO DO MAR"

Uma espécie de «King Kong», apresentando um monstro pré-histórico que, devido a experiências atômicas em regiões geladas, revive após milhões de anos. Ressurge em plena Nova York depois de percorrer milhas e milhas e, está claro, o espetáculo é o mais inverossímil possível. Dentro dessa ficção é que deve ser encarado e desculpadas as suas fantasias. Não é dos bem cuidados nesse gênero de fantasias dramáticas que vêm sendo freqüentemente exploradas em Hollywood, entre as quais estiveram filmes excelentes como «O fim do mundo» e «A guerra dos mundos». É fraco o elenco: Paul Christian, Paula Raymond, Donald

3 ½ — "O PREÇO DE UM HOMEM"

Possuidora de correta forma cinematográfica, a película traçada com linhas seguras, conta-nos a história de três homens que se associam para entregar um criminoso e receber o convidativo prêmio. James Stewart, num bom desempenho, expressa de maneira feliz a sua indecisão entre a ambição que queria dominá-lo e a sua consciência de homem correto. Robert Ryan tem na presente película um dos maiores papéis de sua

«Uma Canção e um Beijo», com Lynn Bary (Columbia), estréia da próxima semana.



carreira desde «Punhos de Campeão». Millard Mitchell, falecido recentemente, é o bom ator de sempre. Em plano inferior está Janet Leigh, atriz limitada. Anthony Mann é um grande diretor no gênero. «The Naked Spur», película da M.G.M., estreou nos três cinemas Metro.

1 ½ — "DE HOMEM PARA HOMEM"

Fazer uma apreciação de um «western» como «De homem para homem» é repetir tudo que vem sendo escrito sôbre essa chusma de filmes sempre iguais que abarrota o mercado. Seria dizer que o filme apresenta uma fórmula há muito esgotada, expressa numa linguagem cinematográfica deficiente, que lhe sobram diálogos imbecis e falta-lhe ação. Dois problemas preocupam o herói: provar sua inocência perante a lei, e tirar do mau caminho seu jovem sobrinho. O primeiro é resolvido com a delação; para o segundo, os tiros finais são mais eloqüentes que qualquer sermão. O «sheriff» da história é o famoso Wyatt Earp, figura semi-lendária do oeste, que já fêz algumas aparições cinematográficas, como em «Paixão dos fortes», onde era interpretado por Henry Fonda. Aqui o célebre justiceiro nada tem a fazer, pois o mocinho Billy Ringo resolve tudo por êle. No final, é só dar volta à chave da cela do culpado, capturado por Ringo. A direção não se faz sentir em nenhum instante do filme, que se desenrola sem provocar grandes emoções. A melhor figura do elenco é William Bishop, mais uma vez um cínico. O pior, como não poderia deixar de ser, é o Marylin Monroe masculino, Tab Hunter, sempre aparvalhado, seja qual fôr a situação em que se encontra. Todos os demais, os mal-encarados usuais, sem destaque. Título original: «Gun belt», distribuição da United Artists, exibida no Vitória e circuito.

OS "BÓLIDES"

(ESTRÊIAS NOS BAIRROS E CINEMAS AFASTADOS).

«O MODÊLO E A CASAMENTEIRA» («The Model and the Marriage Broker», 20th. C. Fox) — Um filme de qualidade, surpreendentemente afastado da Cinelândia e, talvez, por isso mesmo. História de Charles Brackett (autor de «Farrapo humano») em parceria com Walter Reisch (cenarista de «Mascarada» e diretor de «Os homens não são deuses» — grande filme, vejam a resenha de «Os melhores de todos os tempos» — e Richard Breen). Direção de George Cuckor (de «Romeu e Julieta», «Quatro irmãs», etc.). Excelentes intérpretes como Jeanne Crain, Thelma Ritter e Zero Mostel. Dentro em pouco será minuciosamente analisado nesta secção mas já é um candidato ao «melhor bólide do ano». Está correndo uma linha de terceira ordem, entre os cinemas de bairro do Rio. Não percam!

«O HOMEM DO DIA» («The Bride of St. Louis», 20th. C. Fox) — Esta é uma realização banal, de feitio cujo interêsse é demasiadamente regional: a trajetória de um ídolo popular do «base-ball» americano. Direção de Harmon Jones. Dan Dailey interpreta o «astro» Dizzie Dean e a linda Joanne Dru é a pequena. É o filme que acompanha o valioso «O modêlo e a casamenteira» pelos secundários cinemas de bairro, em programa duplo!

«OS MISTÉRIOS DE TANGER» — (Estreado em Niterói, no cinema Odeon, simultâneamente com um cinema de bairro do Rio, o Miramar). É muito fraco, não sendo conveniente desperdiçar espaço. Apenas um registro para o herói, George Brent (ex-famoso galã), e Mary Aldon, a «estrêla».

«OS TURBULENTOS» («The Last Posse», Columbia) — No gênero de «western» é um regular espetáculo, contou C. M., de S. Paulo. Os bons desempenhos de Broderick Crawford, Charles Bickford, John Dereck e Wanda Hendrix (uma atriz tão interessante e esquecida dos produtores). O elenco é, aliás, o ponto alto.

«Oito Homens de Ferro» (Columbia), com Bonar Colleago, Lee Marvin, etc.





«O Preço de um Homem», com James Stewart e Janet Leigh. (Metro Goldwyn Meyer).

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA EM 26 DE ABRIL

(AS CRITICAS SERAO PUBLICADAS EM PRÉ-ESTRÊIAS, ANTES DOS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS NO RIO)

2 ½ — «OS HOMENS PREFEREM AS LOURAS» («Gentlemen prefer blondes») — Fox, em «technicolor», com Marylin Monroe e Jane Russell. Direção de Howard Hawks. (No Marabá e circuito).

3 ½ — «O PREÇO DE UM HOMEM» («Naked Spur») — Metro, com James Stewart e Janet Leigh. Direção de Anthony Mann. (No Metro).

2 ½ — «A ÚLTIMA SENTENÇA» («L'ultima sentenza») — Filme italiano, com Charles Vanel e Eleonora Rossi Drago. Direção de Mario Bonnard. (No Bandeirantes, e Paratodos).

1 ½ — «DÚVIDA» — Filme nacional, da Guaíra Filmes, com Fada Santoro e Graça Melo. Direção de Wladimir Lundgreen. (No Marrocos e Oásis).

«O MONGE BRANCO» («El monge blanco») — Filme mexicano, direção de Julio Bracho, com Maria Felix e Tomaz Perrin. (No Ópera).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

3 — «PIRATA SANGRENTO» («Crimson Pirate») — Warner, com Burt Lancaster. Direção de R. Siodmak. (No Art Palácio e Broadway).

2 — «S. EXCELÊNCIA, A EMBAIXATRIZ» («Call me madam») — Fox, com Ethel Merman e Donald O'Connor. (No Ritz São João). Já criticado em A CENA.

EM "REPRISE"

3 — «AMAR FOI MINHA RUÍNA» («Leave her to heaven») — Fox, com Gene Tierney e Cornell Wilde. (Segunda reapresentação). (No Normandie).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

3 — «O MANTO SAGRADO» — (em 4ª semana, no República) — Fox.

2 ½ — «OS FILHOS DO AMOR» — (em 2ª semana, no Jussara) — França Filmes.

3 — «PETER PAN» — (em 2ª semana, no Ipiranga) — RKO.

A CULTURA ARTÍSTICA DE SÃO PAULO ENTRE AS PRIMEIRAS DO MUNDO



De OSWALDO DE OLIVEIRA, exclusivo para «A CENA»

Auditório central do Teatro de Cultura Artística.

OS PRIMEIROS E DIFÍCEIS TEMPOS

São Paulo, conforme tem ocorrido em alguns outros setores da vida pública, foi o Estado pioneiro em movimentos coletivos em favor da arte. A Cultura Artística da capital bandeirante foi a primeira que se fundou, no gênero, na América do Sul. Fácil é avaliar a intensa dificuldade que custou êste idealismo aos seus propulsores, no longínquo ano de 1912. Se, na época atual, ainda são penosos os movimentos coletivos a fim de beneficiar os desenvolvimentos culturais, o que se poderia dizer de há quarenta e dois anos atrás?

Foi precisamente pelo seu extraordinário impulso artístico da atualidade, pois a Cultura de São Paulo é a única da América Latina que abre os seus salões para espetáculos diários, que nos levou a rebuscar as suas origens, na capital paulista.

Os dados históricos, relativos ao ano de 1912, revelam que São Paulo se assemelhava a uma velha cidade provinciana e patriarcal. Algo de profundamente diverso do poderio atual do centro, que através das estatísticas, mais cresce no mundo. Foi portanto, um ato de heroísmo o que se processou naquela época, em favor de uma associação que viesse a difundir arte e cultura.

Elevar o nível geral, através de manifestações elevadas para o espírito eis o que, desde êsse remoto período, se cuidava em São Paulo. Sem auxílio oficial de espécie alguma — aliás, até a atualidade isto jamais se verificou — êsses bandeirantes da arte foram cumprindo o seu objetivo. No dia 26 de setembro de 1912 realizou-se o primeiro espetáculo, no salão do Conservatório de Música, gentilmente cedido. O programa constou de um concêrto sinfônico, regido pelo maestro João Gomes de Araújo e de uma conferência de Amadeu Amaral, em tôrno do grande vulto de Raimundo Correia.

A mensalidade dos associados era de apenas três mil réis. A receita não cobria os gastos indispensáveis. E a dedicação dos seus idealizadores a tudo procurava suprir. A simpatia do movimento fêz com que elementos de valor se dispusessem a tomar parte nos espetáculos sem qualquer remuneração profissional. E personalidades de alto prestígio, como Artur Napoleão, Pedro Lessa, Oliveira Lima, Chiaffarelli, Afonso Arinos, Graça Aranha, o Trio Antonieta Rudge-Paulina de Ambrósio e outros colaborassem a fim de participar do esfôrço descortinador da cultura.

HERÓIS DO PASSADO

Justo será, portanto, reverenciar a aquêles que foram os pioneiros dêste crescimento artístico, tão útil para o Brasil, e, também, os continuadores de obra tão sadia.

A primeira diretoria, eleita em 1915, quando, então, foram aprovados os Estatutos tinha o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho por presidente, J. Mello Abreu por tesoureiro e Nestor Rangel Pestana, como secretário. Vale a pena citar que neste remoto

Linhas modernas para a instituição que tem na Viúva Júlio Mesquita uma benemérita figura



PÁGINA DO Leitor

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem — Tôda a correspondência deverá ser endereçada a «LONG-SHOT».

FATOS E BOATOS
(2.ª série)

Que o grande ator francês, Gerard Philipe mais uma vez comprovou o seu talento no filme "Belles Nuit" é fato; mas dizer que o ator se tornou famoso por ser um idiota é boato.

Que a atriz Marily Monroe alcançou o estrelato ràpidamente é fato; mas que tôda gente deseja vê-la em trajes paradisíacos na "3D" é também um fato!

Que o Harold Loyd tentou depois de muitos anos retornar ao cinema é fato; mas que conseguiu o mesmo prestígio de outros tempos é boato.

Que Oscarito é considerado por muitos como um dos melhores comediantes do nosso cinema, é fato; mas que, para o autor dessas linhas, o lugar dêle é num picadeiro de circo, também é fato.

Que Hollywood continua sendo o maior mercado de cinema do mundo é fato; mas que os filmes americanos ùltimamente nada têm apresentado de bom em sua maioria, será fato ou boato?

Que "A CENA MUDA" diminuiu de tamanho é fato; mas que continua sendo grande na qualidade é também um fato na opinião de milhares de leitores!

Que a Esther Williams é uma bonita atriz do cinema ianque é fato; mas que ela trabalha sem dar uma demonstraçãozinha de natação é simples boato.

Que a levada Bette Huton foi por muito tempo denominada de "loira incendiária" é fato; mas que ela alguma vez ateou fogo em alguém é boato...

BRAGA FONSECA — (Caxambu)

G R E T A G A R B O

Para nós, que vivemos na era da 3.ª-Dimensão, Cinemascope e, para não sêrmos muito modernos, da côr, causa-nos curiosidade o endeusamento de uma sueca, que tendo dedicado parte de sua vida à arte cinematográfica, conseguiu guardar até os nossos dias, uma áurea de respeito e admiração.

Os mais idosos, quando ouvem pronunciar o seu nome, quedam-se pensativos e em suas faces brilha um sorriso, ao recordarem o tempo passado, perpassando-lhes pela memória a lembrança dos tempos de sua juventude, quando tudo era felicidade, alegria e ilusão.

Os mais jovens, sentem por ela, um verdadeiro respeito, pois, para ser assim tão recordada, é necessário que tenha sido, de fato, um expoente dentro de sua especialidade. Que possuía essa mulher para fazer o pensamento retornar ao passado? Por que até hoje desperta tamanho interêsse? Que fêz para ser tão amada? Estas perguntas, talvez, ficarão sem resposta àqueles que não tiveram a ventura de ver um de seus filmes. Para nós, os jovens de hoje, se tornam difícil a concretização dessa ventura, pois seus filmes são exibidos sòmente em casos excepcionais e a uma platéia restrita. Mas, quando temos diante de nós, a projeção de uma de suas películas, sentimos um fremos em nosso íntimo, cuja intensidade aumenta progressivamente, até escapar de nossos lábios, exclamações que demonstram têrmos compreendido, num relance, a causa de seu endeusamento: Greta Garbo, antes de ser bela e ser mulher, era uma incomparável atriz! "Rainha Cristina", "Anna Karenina", "Madame Waleska", "Ninotcka" e outras, foram personagens por ela vividas na tela e que jamais se apagarão de nossa memória, mercê de sua marcante personalidade, dando-lhes uma dignidade inimitável.

LUÍS BONIFACIO — (Belo Horizonte)

A R E S P E I T O D E M A R I L Y N

Muito se tem falado sôbre Marilyn Monroe, a loura espetacular de Hollywood, mas bem poucos sabem que ela lutou muito para conseguir o imenso cartaz que desfruta hoje.

Na infância, sempre acalentou o sonho de ser atriz famosa, apesar de pobre e criada por parentes que, de modo algum, podiam substituir o carinho materno que nunca teve. Casou muito moça, aos 15 anos, e não foi feliz. Separou-se do marido pouco depois porque êle, de modo algum, concordava com seus planos de ingressar no cinema.

Alguns anos depois, Marilyn conseguia uma pontinha em "O segredo das joias", e logo a seguir apareceu ràpidamente na comédia dos Irmãos Marx ((Loucos de Amor" (Love Happy).

Foi, porém, no premiado filme de Bette Davis "A Malvada" (All about Eve) que conseguiu chamar a atenção do público, no papel da amiguinha de George Sanders.

Mesmo no recente "Páginas da Vida", seu papel foi pequeno, vivendo uma mulher da rua. Foi aí que surgiu o caso do famoso calendário, na verdade, o responsável pelo seu rápido sucesso na tela. Sem emprêgo e faminta (como ela mesma conta) concordara em posar daquela maneira sensacional. Um agente de publicidade lembrou-se de lançar o calendário e o sucesso não se fêz esperar.

Apareceu em duas comédias, em papéis secundários, mas de algum destaque: "O inventor da mocidade" (Monkey Business) e "Travessuras de Casados" (W'ere not married). Provou que tinha talento, vivendo logo a seguir, sem pôses e artifícios, uma jovem débil mental, ao lado de Richard Widmark, em "Alma Desesperada".

Foi, porém, "Torrente de Paixão" (Niagara) o seu maior sucesso, aparecendo num papel de acôrdo com o seu tipo, cantando e andando de um modo nunca visto. Seus companheiros foram Joseph Cotten e a bonita e simpática Jean Peters.

Casou, há pouco, com Joe di Maggie e fêz uma vitoriosa excursão pela Coréia, cantando para um número imenso de soldados. Mais tarde confessou que nunca vira tantos homens na sua vida.

Vem aí em 3-D, ao lado de Betty Grable em "Como arranjar um milionário", e ao lado de Jane Russel em "Os homens preferem as louras". Filma atualmente com Frank Sinatra, e fêz um "western" com Rory Calhen. Há uma película em que teve papel secundário e que, se não me engano, ainda não foi exibida no Rio. Trata-se de "Sempre Jovem", ao lado de Monty Wooley e Jean Peters. Conta presentemente 27 anos de idade e é a maior sensação do momento. Admira Marlom Brando, apesar de serem opostos. Marlom é o mais reservado "astro" do cinema americano. Ela, a mais popular e a mais criticada, inclusive por Joan Crawford, autora da profecia de que a carreira de Marilyn não duraria dois anos. Admiro muito Marilyn e o certo é que, com ou sem publicidade, a pequena conseguiu um cartaz assombroso. Apesar da profecia da veterana e elegante Joan Crawford, sou capaz de apostar que ela será uma nova Jean Harlow, um dos grandes ídolos do passado. Sem exagêro, Marilyn é conhecida e discutida pelos quatro cantos do mundo.

MARIA IRENE GOMES DE MATOS — Recife

F A L T A D E A R G U M E N T O S

Os aficionados do Cinema têm oportunidade de lêr, aqui e ali, em tôda e qualquer revista da sétima arte, a crise que o cinema ora passa com relação ao fator quase primordial de um filme: o argumento, ou roteiro, ou "script" como o chamam os americanos do Norte. Dizemos quase primordial sim, pois a nosso ver o filme é o diretor, sem a direção nada há. Pode se fazer um filme sem argumento, mas, nunca sem direção. Porém não é todo e qualquer diretor que consegue tirar algo de um argumento falho. O enrêdo ajuda e muito a obra do diretor e vice-versa.

(Cont. na pág. 34)




Ela: a divina Greta Garbo, sempre reverenciada pelos leitores.

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

PÁGINA DO LEITOR

O cinema norte-americano queixa-se disto, e aliás de todos, é o que mais se queixa. Na verdade ao assistirmos um filme ianque, já sabemos de antemão o que vai acontecer, principalmente em se tratando de filmes "far-west" em que tôdas as histórias são iguais. Não dizemos que de vez em quando apareça uma idéia genial, como por exemplo o caso de "Lili" e outros.

A cinematografia brasileira, também sofre do mesmo mal. Assistimos a filmes que não têm nada, nada encerram. São vazios!

Por que isto? Será que não existe, na realidade, mais história para ser explorada? Será que tudo esgotou e nada mais resta? Será que o conceito "nada de novo há sôbre a terra", é a grande verdade do momento?

Cremos que não. Deixemos Salomão em paz e não discutamos. Sim, admitamos que tôdas as histórias já tenham sido contadas. Mas, acontece o seguinte: De um só ponto podemos tirar uma infinidade de retas, tantas quantas forem os pontos de vistas considerados. Ora, admitamos que mesmo que existisse um só argumento no mundo, nós poderíamos tirar dêste argumento uma inifinidade de outros, levando em consideração apenas, o ponto de vista em que fôsse considerado. Se podemos de uma só história tirarmos uma infinidade de outras, da enorme quantidade de histórias que há, quantas não poderíamos tirar?

A verdade é, pois, que o mal não é a falta de argumentos, o mal é a falta de coragem de certos produtores de filmarem certas histórias, preferindo o vulgar que de uma maneira ou de outra dá o seu "lucrinho" certo, enquanto que as histórias originais podem ser grandes sucessos mas poderão resultar em fracassos.

Mas é preciso arriscar, é preciso experimentar idéias novas. Sem arriscar não haverá progresso, tudo ficará restrito. Arte não aceita nem pode aceitar restrições.

CARLOS AQUINO — Bahia

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº......

NOME..........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00







QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.



Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDERÊÇO ....

CIDADE .... ESTADO ....

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.


JULIA ADAMS
(UNIVERSAL)
CONSULTE A GRANDE RESENHA HISTÓRICA DE "OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS" E RESPONDA AO CONCURSO:
"QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?"
(VIDE PÁGINA 27)

NO PRÓXIMO NÚMERO:

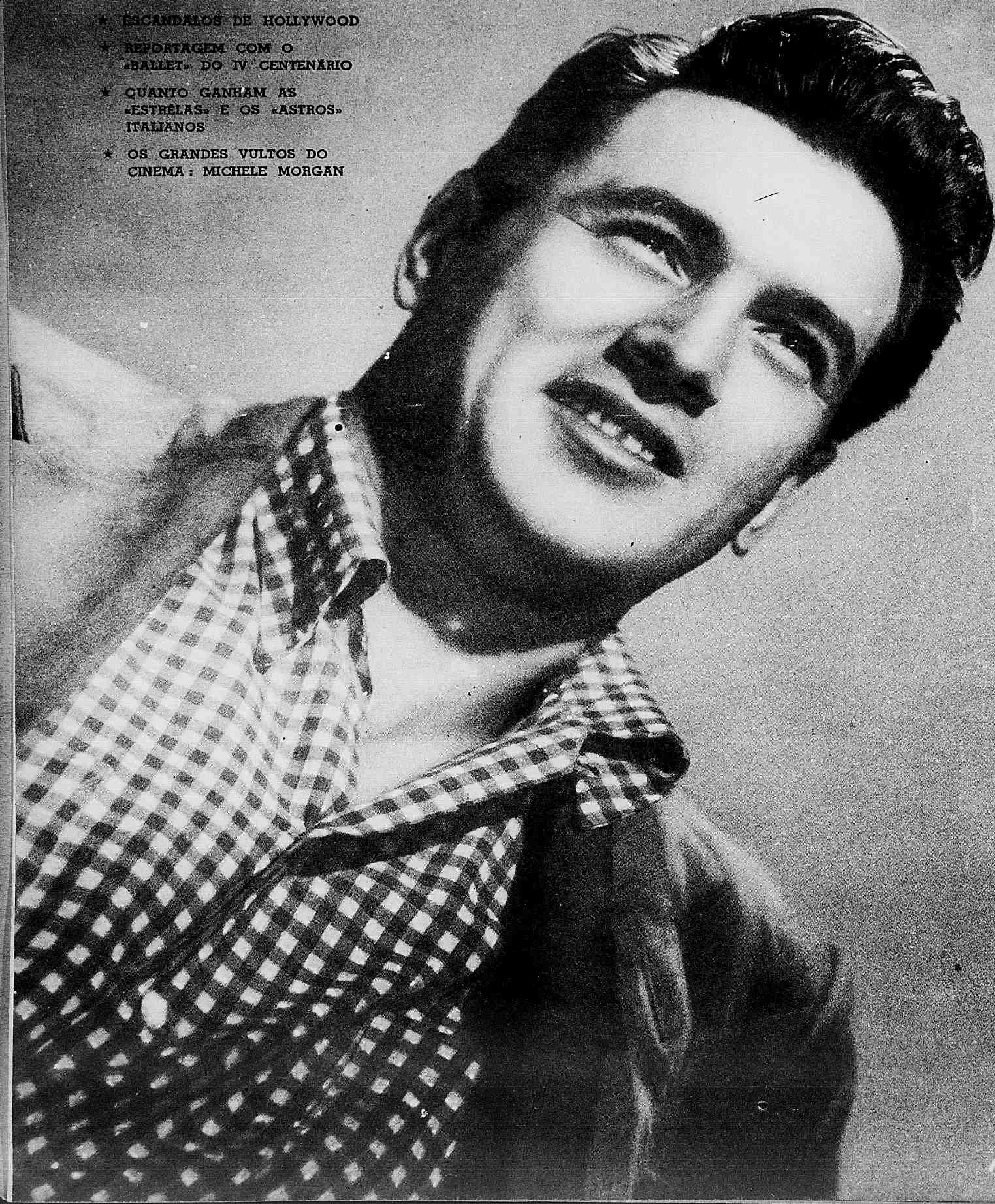
★ REPORTAGEM COM VICTOR MATURE

★ ESCANDALOS DE HOLLYWOOD

★ REPORTAGEM COM O «BALLET» DO IV CENTENÁRIO

★ QUANTO GANHAM AS «ESTRÊLAS» E OS «ASTROS» ITALIANOS

★ OS GRANDES VULTOS DO CINEMA: MICHELE MORGAN



ROCK HUDSON
(UNIVERSAL)